

André Daniel Reinke



O ANTIGO TESTAMENTO

Curso Intensivo

André Daniel Reinke

O ANTIGO TESTAMENTO

Curso Intensivo

Copyright©2014 –André Daniel Reinke

Reprodução proibida

Disponível gratuitamente em

<https://andredanielreinke.com.br/category/cursos/>

*Este livro foi projetado para ser lido em suporte digital.
Se você quiser imprimir, sugerimos escolher a opção “Múltiplas
páginas por folha” no box da impressão, selecionando 2 páginas.
O resultado será um texto de tamanho adequado à leitura.*



Apresentação

Você tem em mãos um curso bíblico intensivo desenvolvido para o estudante leigo da Bíblia. Este curso segue a proposta teológica de Walter Kaiser Jr. que defende a existência, ao longo do Antigo Testamento, de um eixo temático fundamental no qual se desenvolve a revelação divina aos homens. Este eixo temático é a promessa que Deus deu a Abraão de que abençoaria todos os povos da terra. Concordamos com Kaiser, e por isso cremos que o centro da revelação profética do Antigo Testamento é a **PROMESSA DE DEUS**. Todo o restante – leis, fatos históricos, estruturas religiosas ou civis, profecias – gira em torno deste eixo fundamental. Trata-se de uma longa descortinar de revelação durante milênios de ação divina na história da humanidade.

Como se trata da interferência de Deus na temporalidade humana, abandonaremos o tradicional estudo “livro a livro” e adotaremos uma visão cronológica das Escrituras, procurando entender cada passo dado durante os milhares de anos da história bíblica em direção ao cumprimento da promessa que é a presença do *Emanuel* (o Deus Conosco) – Jesus Cristo, o Verbo de Deus.

Em resumo, vamos tentar compreender como Deus revelou, no Antigo Testamento, aquilo que viria a realizar em uma única Pessoa e trazer tão grande salvação.

COMO FUNCIONA ESTE CURSO

Este curso é livre e você pode fazer as leituras seguindo o seu ritmo. Conforme o texto avança, há *links* para visualizar mapas, imagens e gráficos que lhe ajudarão com a informação histórica necessária para compreensão dos contextos.

A cada etapa vencida, há paradas marcadas para a leitura, na sua Bíblia, de capítulos selecionados com o objetivo de entender a proposta global focada na Promessa de Deus. A seleção destes capítulos tem a intenção de tornar a leitura potencialmente proveitosa para a compreensão geral do Antigo Testamento, e não tanto em questões específicas ou controversas.

Se quiser disciplinar seu estudo, sugerimos a tabela da próxima página, dividindo o curso em blocos de leitura semanais. Assim, você terminaria este material em um prazo de 7 semanas.

Com alto ritmo, ou lentamente, não importa. O que você deve fazer é ler esta apostila, conferir sempre os textos na sua Bíblia e pedir a Deus que lhe dê sabedoria do alto para compreender o essencial deste curso: a nossa salvação foi obra exclusivamente divina. *Soli Deo Gloria.*



Sugestão de estudos

<i>Semana</i>	<i>Títulos dos capítulos de cada bloco semanal</i>	<i>Páginas de início e fim do bloco</i>	<i>Quantidade de páginas a serem lidas</i>	<i>Capítulos da Bíblia a serem lidos</i>
1	Prelúdio A Era Patriarcal	6 a 17	12	12
2	A Era Mosaica	18 a 27	10	24
3	A Era dos Libertadores Tempo de Transição A Era Monárquica	28 a 45	18	34
4	A Era Sapiencial	46 a 51	6	24
5	Os reinos de Israel e Judá 1ª Parte	52 a 68	17	31
6	Os reinos de Israel e Judá 2ª Parte	69 a 83	15	33
7	O Exílio Judaico O Resto de Judá Conclusão	84 a 103	20	31



Prelúdio da história da salvação

Deus criou o mundo pela Sua Palavra dinâmica (Gn 1.1-3). Em outras palavras, Ele é um Deus pessoal que se comunica. Tal característica comunicativa é ressaltada pelo apóstolo João no início de seu evangelho quando cita o Filho como sendo o *Logos*” ou seja, “o Verbo, a Palavra” dita por Deus e que deu origem a tudo o que existe (Jo 1.1-3). Como coroa da criação – o ápice do processo criador de Deus – foi formado o homem à Sua imagem e semelhança (Gn 1.24-27). Ao final do último dia de criação, Deus descansou e abençoou a humanidade e toda Sua obra (Gn 1.28).

A REVOLTA DO HOMEM

A criação de Deus foi perfeita. Entretanto, alguma coisa deu muito errada – o que é narrado nos capítulos 3 a 11 de Gênesis: a revolta do homem e suas catástrofes. Porque Deus permitiu isso, não sabemos; o fato é que Ele colocou uma árvore no jardim para dar ao homem opção de obedecer ou não obedecer e este falhou.

Entretanto, mesmo no meio da tragédia, aparece a misericórdia divina: para cada fracasso do homem, há bênçãos de Deus e uma promessa de longo prazo.

A primeira grande crise: a queda do homem

Ao colocar uma árvore do “*conhecimento do bem e do mal*” no Éden (Gn 2:9,17), Deus deu ao homem a possibilidade da escolha entre obedecer ou não.¹ A queda do homem trata justamente desta questão: ele relativizou a ordem expressa de Deus de não comer da árvore e reivindicou a si mesmo o direito de definir o que é certo ou errado. Pouco importa aqui o significado literal ou simbólico da árvore: Deus disse que o “bem” era comer do fruto de qualquer árvore do jardim e o “mal” era comer especificamente daquela árvore. A prerrogativa de definir o que é certo ou errado, Deus não deu ao homem ao lhe conceder o domínio sobre o mundo; é atribuição exclusivamente divina. Isto é o que o homem reivindicou: a autonomia moral, fazendo-se deus de si mesmo.

Ao considerar a si mesmo deus, o homem rompeu com seu Criador e foi amaldiçoado com a morte – porque estar separado de Deus é morrer. Como os humanos são a coroa da criação, toda ela veio a sofrer junto (Rm 8.18-21). A história que poderia terminar de maneira trágica – o universo e o homem destruídos pela força do pecado – foram alvo da soberana graça de Deus: após a queda, mesmo com as maldições do pecado que nada mais são do que suas conseqüências, Deus prometeu a Eva uma descendência que destruiria a serpente enganadora (Gn 3.15). É aqui que se descortina a primeira pista da promessa de Deus que viria a dar seu grande passo na chamada de Abraão.

1 Não interessa para este curso discutir a origem do mal ou de onde surgiu a Serpente (que depois será chamada de Satanás); a questão fundamental é entender qual a raiz da revolta do homem contra Deus.

A segunda grande crise: o dilúvio

As histórias subsequentes narradas no Gênesis seguem demonstrando a trajetória infeliz do homem que caminha com o domínio do mundo, mas sem Deus. Talvez a maior das crises depois da queda tenha sido o dilúvio, quando a perversidade humana chegou a tal nível que Deus decidiu aplicar um castigo universal (Gn 6.9-12) – um dilúvio que iria cobrir toda a terra. Deus não nos revelou maiores detalhes sobre a maldade dos homens, mas nos contou como a humanidade sobreviveu a partir de Noé. Novamente se fez presente uma ação dupla de Deus: com muita severidade ao aplicar julgamento por meio do dilúvio e exterminar toda aquela raça; e com graça, ao chamar Noé e manter a linhagem humana a fim de cumprir aquilo que prometera a Eva.

A terceira grande crise: Babel

A terceira crise ocorreu quando a humanidade descumpriu a ordem de povoar toda a terra (Gn 1.28) e produzir diversidade de culturas nos mais diversos ambientes do planeta. Ao contrário, o homem centralizou-se num Estado tirânico que decidiu, a fim de exaltar sua própria glória, construir uma torre “*que chegaria aos céus*” (Gn 11.4). Outra vez, o homem quis fazer-se deus de si mesmo. O Senhor interferiu com um castigo que foi julgamento e bênção ao mesmo tempo: a confusão das línguas. Assim como impossibilitou aos diversos dialetos compreenderem-se entre si, recolocou a humanidade no destino original de se espalhar e povoar o mundo.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

GÊNESIS	1	2	3										
----------------	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Exercícios de fixação

Prelúdio da história da salvação

1. Qual foi o “pecado original”, ou seja, o motivo da queda do homem?
2. Qual foi a consequência da queda?
3. Como Deus respondeu ao problema da queda do homem?
4. Houve ainda duas outras crises relatadas nos primeiros capítulos do Gênesis que revelam a condição caída da humanidade. Quais foram?

Respostas a partir da página 113.



A Era Patriarcal: Provisões da Promessa

A história que a Bíblia se propõe a contar – a da salvação – inicia em Gênesis 12, quando Abraão foi chamado por Deus a sair da Mesopotâmia num ato de fé. Para compreender melhor o significado de seus passos, precisamos saber um pouco do contexto histórico daquela região.

CONTEXTO: MESOPOTÂMIA

Mesopotâmia é o termo que os gregos usavam para denominar a região que ficava no entorno e entre os rios Tigre e Eufrates, no Oriente Próximo (hoje, Iraque). Naquela terra surgiu o que chamamos comumente de *civilização*, ou seja, a vida nas cidades. Tais aglomerados urbanos provavelmente surgiram a partir da necessidade de domar os rios por meio de grandes obras públicas como irrigação, canalização, barragens, etc. Os rios também serviam de transporte e comércio entre as diversas cidades-estado que foram se erguendo desde o III milênio a.C. Região plana, a Mesopotâmia era muito movimentada, o que permitia intercâmbios entre povos e culturas, além de invasões de tribos belicosas.

Pela instabilidade da natureza (presença de animais selvagens) e política (invasões inimigas), as cidades eram fortemente defendidas por espessas muralhas.

Cada cidade mesopotâmica tinha seu próprio rei e era independente das outras. Um reino mais amplo acontecia quando uma cidade poderosa conquistava outras e passava a cobrar dela impostos, o que era bastante frequente naquela região. O rei era considerado um representante da divindade na terra, e esta era sempre local (por exemplo, Marduk era o deus principal na Babilônia, Assur o era em Assur e assim por diante). De acordo com o império dominante, o deus local ganhava supremacia no panteão de divindades de seus cultos politeístas. Os templos dos deuses, assim como os palácios dos reis, eram centros de grandes latifúndios produtivos, na qual trabalhavam os camponeses. Para organizar tanto o recolhimento desta produção como o comércio com outras cidades, foi criada na Mesopotâmia a escrita cuneiforme que tinha por objetivo a contabilidade e os registros dos feitos dos reis.

Os povos mesopotâmicos tinham uma visão um tanto pessimista da história: para eles, os deuses traçaram os destinos dos homens desde a aurora dos tempos. Por isso, viviam angustiados quanto ao futuro, buscando descobrir por meio da adivinhação (necromancia, piromancia, etc) o que os deuses destinavam em cada caso. Além disso, tinham uma visão cíclica do universo: tudo sempre retornaria ao arquétipo primordial, àquilo que os deuses criaram na origem do mundo. Por isso, haveria dia e noite se repetindo infinitamente, bem como as estações voltando a cada ano. O ciclo também se manifestava na crença do *Sheol*, um lugar dos mortos abaixo da terra – um retorno do homem, que seria barro, à terra da qual veio.

Tais pensamentos religiosos eram festejados com uma celebração babilônica de Ano Novo que durava 14 dias, no qual entoavam o *Enuma Elish* (uma poesia que conta a criação do mundo). Assim, celebravam todo ano o retorno ao princípio de tudo, ao modelo criado pela divindade e que deveria se manter infinitamente. O homem viveria, assim, preso a um ciclo que sempre se repetia, de acordo com o modelo criado pelos deuses.



Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre a **Mesopotâmia** no link abaixo:
https://youtu.be/f5Ku4OQ_1R8

ABRAÃO: O CHAMADO À FÉ NA PROMESSA

Em Gênesis 12, Deus ordenou a Abrão a deixar aquele terreno que ele conhecia, bem como o destino determinado da crença mesopotâmica (que também lhe dava a segurança do futuro, naquela relação permanente de repetições a partir do suposto arquétipo primordial criado pelos deuses). Ele devia deixar a terra de seus pais, a certeza de um futuro, e partir rumo ao desconhecido. A chamada de Deus é para *“sair da terra e ir para uma terra que ainda seria mostrada”* (Gn 12.1), ou seja, um convite a caminhar com o Senhor, sendo dirigido passo a passo sem saber o que acontecerá, mas confiante naquele que prometeu.

Trata-se de uma concepção completamente diferente daquela que costumamos, modernamente, caracterizar como fé. Pensamos nela como “a certeza de que vai acontecer o que eu quero que me aconteça”; mas não é disso que se trata, fé é a certeza das *“coisas que não se vêem”* (Hb 11.1), a segurança das promessas de Deus mesmo que não as vejamos concretamente em nosso cotidiano.

É por isso que o autor de Hebreus fala que Abraão creu sem ver o resultado, e depois viveu sobre a terra como um nômade, mas sabendo que seus descendentes teriam a sua posse (Hb 11.8-9).

Voltando para o texto de Gn 12.1-3: o texto nos apresenta uma tríplice promessa que foi o eixo fundamental em torno da qual circulou o desdobramento da revelação divina:

- 1. Farei de ti uma grande nação;*
- 2. Te abençoarei e tu serás uma bênção;*
- 3. Em ti serão benditas todas as famílias da terra.*

Este o coração da promessa de Deus, que já tivera uma pálida luz quando um raio de esperança fora dado a Eva no momento da queda: naquela ocasião, milênios antes, Deus prometera que a descendência dela esmagaria a cabeça da serpente; agora, a Abraão, novamente uma descendência entrou em cena. É da descendência deste homem que viria uma grande bênção que atingiria o mundo inteiro.

ISAQUE E JACÓ: A CONFIRMAÇÃO DA PROMESSA

É justamente no sentido de “não ver” que a fé de Abraão se mostra uma rocha inabalável: foi-lhe prometida uma vasta descendência quando ele, já velho, não possuía filhos (Isaque nasceu na velhice dele e de sua esposa¹); além disso, foi-lhe prometida a posse de uma terra que ele jamais teve em vida. É a perspectiva eterna do longuíssimo prazo que reside a esperança do cumprimento daquilo que Deus lhe propunha.

1 Abraão teve um filho que é considerado “o da promessa”, mas ele teve no total 8 filhos: Ismael (da serva Hagar, Gn 16.15), Isaque (de Sara, Gn 21.3), Zinrá, Jocsã, Dedã, Midiã, Jisbaque e Sua (de Quetura, Gn 25.1-6). Todos eles tornaram-se, de alguma forma, povos numerosos segundo os textos bíblicos.

Isaque, filho de Abraão, também recebeu a mesma promessa da parte de Deus: a bênção sobre ele e seus descendentes, a terra prometida e a bênção que alcançaria todos os povos (Gn 26.3-4). O filho dele, Jacó, também foi alvo da mesma promessa curiosamente quando fugia da casa da família por ter enganado o irmão Esaú ao roubar-lhe a bênção: Deus lhe apareceu em uma visão em Betel, onde repetiu as promessas dadas anteriormente a Abraão e a Isaque (Gn 28.13-14). Deus cumpriria suas promessas de maneira surpreendente: não pelo primogênito, mas pela linhagem do menos apto e com fama de enganador. Esta é uma característica que acompanhará o desenrolar da promessa: Deus age e faz Sua obra apesar das imperfeições dos homens.

O INÍCIO DO POVO DE ISRAEL

No seu exílio em Harã, Jacó – depois chamado Israel – formou uma numerosa família (Gn 29.31 a 30.22 e 35.16-18): de Lia, teve Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom, Diná; de Bila (serva de Raquel), gerou Dã e Naftali; de Zilpa (serva de Lia), Gade e Aser; e de Raquel lhe nasceram José e Benjamim. Seus filhos viriam a ser os patriarcas que dariam origem às tribos do povo denominado Israel. Uma parte do cumprimento da profecia dada a Abraão já começava a tomar corpo, pois um povo começava a surgir. A terra prometida seria o próximo passo, mas que foi dado de maneira novamente surpreendente.

Antes de entender as reviravoltas que envolveram tais cumprimentos, devemos verificar um pouco do contexto do Egito Antigo, o império milenar que teve importante participação no propósito divino.

CONTEXTO: O EGITO ANTIGO

O Egito Antigo nasceu da união de diversas vilas ao longo do rio Nilo que corre desde a África Tropical (no sul, centro do continente africano) até passar no meio da região desértica do norte. Antes de chegar ao Mar Mediterrâneo, ele se abre em diversos braços no terreno plano formando o Delta do Nilo. O rio, que é o maior do mundo em extensão, tem a peculiaridade de transbordar de 2 a 6 km devido às chuvas intensas nas suas nascentes, levando húmus e fertilizando a área que se tornava assim uma das mais produtivas do mundo antigo. É por esta razão que o Egito foi considerado o “celeiro da antiguidade”.

Isolado no meio do deserto, as vilas cedo foram centralizadas sob o poder de um único monarca – o faraó² – que era portador de duas coroas (dos reinos do Sul e do Norte, unificados por ele em torno de 3.000 a.C.). Como no caso mesopotâmico, o rei egípcio era responsável pela manutenção do culto das divindades e pela garantia da ordem do cosmos, mas com uma diferença: ele era considerado também um deus, o próprio Hórus encarnado. Tal era o seu poder que a construção mais famosa do antigo Egito é a pirâmide, nada mais do que o gigantesco túmulo do faraó. Outra diferença em relação aos mesopotâmicos era o fato de terem uma visão bem mais otimista da eternidade: para os egípcios, existia uma vida pós-morte onde se poderia viver em felicidade eterna, no reino de Osíris. Para tanto, após a morte, o fiel passaria por um julgamento presidido pela divindade, no qual se pesaria o seu coração: se fosse mais pesado que uma pena (por causa dos pecados), seria atirado a Amit (crocodilo do Nilo) para ser devorado; se não, entraria para o mundo eterno.

2 “Faraó” é a palavra hebraica que ficou famosa para nós, hoje; os egípcios o chamavam *Per-Áa* (que significa “casa grande”).

Entretanto, acreditavam muito nos rituais mágicos, razão pela qual poderiam controlar este julgamento por meio de leituras do Livro dos Mortos durante o enterro.

Os egípcios foram famosos por seu desenvolvimento tecnológico (formaram excelentes engenheiros cuja técnica se manifestou nas construções monumentais), artístico (com inúmeras e riquíssimas esculturas e jóias) e da sabedoria (tinham excelentes médicos, poetas, administradores, escribas, etc). Sua sociedade encontrou uma certa igualdade entre homens e mulheres (mulheres, por exemplo, chegaram ao cargo de faraó), mas era profundamente dividida entre aldeões pobres e burocratas que viviam nos palácios e templos da estrutura estatal egípcia.

No Egito viveram José e, bem mais tarde, Moisés.



Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre o **Egito** no link abaixo:
<https://youtu.be/i-3gjVv14aI>

JOSÉ, SALVAÇÃO A LONGO PRAZO

Os capítulos 37 a 50 de Gênesis contam a história de José, filho mais jovem de Jacó que fora vendido como escravo pelos próprios irmãos para ismaelitas que o revenderam no Egito³. Precisamos perceber nesta história os mistérios da ação divina: pra começar, a origem do que Deus planejava fazer era uma família um tanto problemática – o pai com preferência escancarada por um dos filhos, os ciúmes exacerbados dos irmãos, o orgulho do próprio José em ostentar as revelações que teve.

3 A história de José normalmente é retratada por comentaristas como a vitória da perseverança – algo no sentido de “se você for ético e perseverar nas adversidades, no final Deus vai lhe recompensar”. Não é uma mentira, mas a história apresenta algo muito mais profundo e de implicações de longuíssimo prazo que precisamos resgatar.

Apesar disso, Deus estava agindo por meio desta família. Da mesma maneira foi com o Egito: aquele reino pagão que vimos acima descrito foi o meio que Deus utilizou para salvar da fome o mundo oriental de então (Gn 41.25-36). Finalmente, Deus não se revelou a José, mas sim ao faraó; este é quem teve a revelação em sonhos da parte do Senhor, e o hebreu foi apenas o tradutor, aquele quem fez a interpretação do fora dito ao rei pagão⁴.

Qual era o sonho do faraó que José interpretou? Viriam 7 anos de fartura seguidos de 7 anos de extrema fome. Para tanto, era preciso se precaver, e José foi colocado para administrar a estocagem de alimentos. Dois fatores devem ser notados: o primeiro, que o próprio Deus estava enviando a fartura e depois a fome, bem como enviava José para prevenir daquilo que Ele mesmo estava determinando! Deus é Senhor da história para muito além do que imaginamos.

Nesta narrativa, mesmo José não é um herói irretocável como costumamos imaginar: há certa vingança na sua atitude com os irmãos, aos quais testa – não sem uma pitada de crueldade – para verificar a integridade. Foi quando se revelou uma transformação que ocorrera na alma daqueles homens que a própria Bíblia não relata: Judá se ofereceu no lugar do irmão mais jovem (Gn 44.33-34), fato que jamais aconteceria com eles anos antes. Houve uma transformação no interior deles que Deus operara e que não sabemos precisar como ou de que maneira se procedeu. Este o mistério da ação divina: não podemos ver ou saber como as coisas se resolverão, mas verificamos apenas os resultados.

4 Apesar de não entendermos isso, Deus usa o perverso conforme seus propósitos, e pode até mesmo castigá-lo depois disso (veja Isaías 10).

Havia algo muito maior por trás de toda a história de José, pois ele mesmo reconheceu que Deus planejava tudo (Gn 45.1-8): livrou o Egito da fome, livrou José de suas aflições, livrou sua família da morte pela miséria que se estabelecia e, principalmente, salvou a promessa que fizera de abençoar o mundo inteiro. Deus usou o próprio mal para seus propósitos (Gn 50.18-20) em um alcance de milhares de anos, pois o objetivo é trazer Cristo a bilhões de pessoas que viriam a ser salvas pelo Deus Conosco, o descendente prometido. Muito mais do que a simples promessa de prosperidade ao pequeno José, não?

Não podemos jamais imaginar o bem que Deus fará, nem os meios que utilizará para tanto. O povo de Israel – ou seja, os filhos deste e seus netos – já formavam um pequeno clã, habitando sobre a terra que Deus prometera aos patriarcas. Entretanto, com a fome que Deus mesmo mandara, eles tiveram que se transferir para dentro do Egito. Foram tirados da terra prometida e viveriam fora dela até se tornarem de fato um grande povo. Por que não deixá-los se multiplicarem já sobre a terra de Canaã? Por que tirar todos de lá? Impossível saber os propósitos de Deus, mas a partir daqui nasceria a maior história de salvação do Antigo Testamento: a retirada do povo pelo Êxodo e sua condução para a terra prometida a seus antepassados.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

GÊNESIS	12	15	17	22	27	28	32	48	50		
----------------	----	----	----	----	----	----	----	----	----	--	--

Exercícios de fixação

A Era Patriarcal: Provisões da Promessa

1. Os mesopotâmios acreditavam em um “arquétipo primordial” criado pelos deuses que definia o retorno constante do mundo a esse princípio original. Como Abraão se relacionou com este princípio quando chamado por Deus?
2. Quando Abraão foi chamado, ele recebeu uma tríplice promessa de Deus (em Gn 12.1-3). Quais foram essas promessas?
3. Em quais textos Isaque e Jacó também receberam as mesmas promessas de bênção a todos os povos?
4. O que havia por trás da história de José que incluía uma salvação universal de longo prazo?

Respostas a partir da página 113.



A Era Mosaica: o Povo da Promessa

A Bíblia nos relata que os descendentes de Israel se tornaram um povo numeroso dentro das fronteiras do Egito. Com a preocupação de uma possível aliança dos hebreus com outros povos nômades, o Estado egípcio decidiu impor a eles o sistema de corveia – trabalhos forçados nas obras faraônicas (Êx 1.8-14). Foi a partir da situação de angústia de Seu povo que Deus promoveu a grande história do Êxodo – a salvação dos descendentes de Abraão para propósitos universais. Um homem foi designado para a tarefa: Moisés. Mas não foi nada fácil para ele.

MOISÉS: REVOLUCIONÁRIO, CONDUTOR, LEGISLADOR

Moisés era um nome egípcio que significa “gerado”, ou “filho”¹. Para entendermos sobre o processo pelo qual ele passou para se tornar apto a tamanho trabalho, vamos recorrer à divisão da vida de Moisés em três períodos de 40 anos conforme proposto por Estevão no seu discurso em Atos (At 7.20-38).

1 Aparece em nomes egípcios como Tutmoses, ou seja, “filho do deus Tut”.

1. O primeiro 40 (At 7.20-29): nascido de uma hebreia, Moisés foi adotado por uma filha do faraó, passando a viver no palácio e sendo educado pelos egípcios. Neste sentido, Moisés teve acesso a toda aquela cultura que descrevemos acima ao tratarmos da vida de José. Segundo Josefo, Moisés teria sido até mesmo general dos exércitos egípcios contra a Etiópia. Este período teria lhe dado base impressionante para promover uma revolução entre os israelitas. Moisés acreditava que seria o libertador do povo e estava apto para tanto, pois tinha treinamento, cultura e poder político. Mas, para Deus, isso não servia; ninguém pode fazer a obra divina a partir da confiança em sua própria capacidade ou por força humana. Para tirar o povo do Egito, seria necessária uma força absolutamente sobre-humana. Foi com esta realidade que Moisés se defrontou quando matou um egípcio, crendo que estava iniciando um levante apoiado por seu povo (At 7.25). Mas saiu frustrado ao não ser reconhecido como o revolucionário que libertaria Israel. Pior: teve que fugir do Egito para salvar a vida.

2. O segundo 40 (Êx 2.16-23): no deserto, viveu como nômade midianita, onde casou-se e passou a cuidar de rebanhos de transumância, sempre procurando alguma pastagem nas regiões inóspitas do deserto de Midiã e da península do Sinai. Foram 40 anos que, depois da experiência em palácios e entre poderosos, levaram Moisés ao extremo do fracasso, um longo tempo de decepção e deslocamento que lhe dariam a certeza de que não era capaz de salvar o povo de Deus. O Senhor teria que escolher outro para desempenhar a tarefa. O Salmo 90 provavelmente foi escrito por Moisés no final deste período; é a confissão de um homem de 80 anos, cansado da vida e preparado para morrer. Sem saber, ele finalmente estava pronto para fazer a obra de Deus, sabedor de que não é nada. Humilde, purificado pelo fracasso.

3. O terceiro 40 (Ex 3.1-15): depois de 40 anos de sofrimento, Moisés encontrou a Deus. Ele foi chamado somente quando tinha a certeza de que nada podia fazer. É comum que Deus somente se revele aos seus servos depois que estes passam por terríveis desertos. É quando Deus se apresenta como o grande “Eu Sou”: *eu Sou quem Sou, Sou quem Serei, Sou o Existente* – Ele será o Deus que estará ali, não importa onde for. Não se trata de uma noção estática de ser, mas uma presença dinâmica, ativa, operante, como um fogo que queima mas não consome, brilhando eternamente. Aí está o simbolismo da visão que Moisés teve: uma galhada de uma planta seca que começa a queimar – fato comum no deserto, onde a combustão espontânea é frequente por causa do intenso calor –, mas que traz consigo o fato miraculoso de continuar queimando sem destruir aquilo que queima. A planta seca simplesmente continuava como estava: velha mas inteira, sem se consumir². A partir desta visão que Moisés pôde cumprir a árdua missão de buscar o povo de Deus e conduzi-lo até a terra prometida – algo que somente poderia ser concretizado mediante a própria presença do grande Eu Sou.

A JORNADA DO ÊXODO

Não vamos aqui descrever todos os detalhes que envolvem a saída de Israel do Egito, pois eles estão muito melhor descritos no texto bíblico que constará nas leituras obrigatórias. Mas, para entender as linhas gerais deste processo e o tempo que levou, abaixo colocamos uma descrição de cada etapa da longa jornada do Êxodo.

² Interessante é que, após esta visão, o próprio Moisés se tornou uma “sarça ardente”, pois parou de envelhecer aos 80 anos e permaneceu igual até os 120, quando morreu (Dt 34.7).

1. Enfrentando o faraó (Êx 4 a 12): foi a fase de confrontação, quando os elementos de “negociação” foram as pragas enviadas sobre os egípcios. Note-se duas coisas: todas as 9 pragas iniciais atingem somente os egípcios, e todas elas possuem alguma ligação com suas divindades, tendo por base principalmente o rio Nilo que é a razão da existência do Egito.

2. Primeira páscoa (Êx 12): ela foi celebrada justamente por ocasião da décima praga, a morte dos primogênitos. Mas ela teve uma característica diferente das demais: esta praga caiu sobre todos, tanto egípcios quanto hebreus, e a salvação dela se deu pelo ato de fé de pintar os umbrais com sangue de cordeiro – sendo liberto tanto o egípcio quanto o hebreu que cressem.

3. Peregrinação pelo Sinai (Êx 13 a 19): a grandiosa saída, quando ocorreu a abertura do Mar dos Juncos e o afogamento do exército perseguidor. Depois, o início da jornada em direção ao monte Sinai, quando começou a alimentação com maná e as codornizes. Esta peregrinação pode ter durado uns 3 meses.

4. Construção do Tabernáculo e Instituição da Lei (Êx 20 a 40, Lv, Nm, Dt): chegando ao pé do monte Sinai, Moisés passou a receber no topo do monte a Lei que aparece descrita ao longo dos cinco livros do Pentateuco, mas que pode ser resumida nos 10 mandamentos de Êxodo 20. Ficaram acampados ao pé do monte durante aproximadamente 2 anos, período no qual também foi construído o tabernáculo, instituído o sacerdócio e o serviço levítico, e organizado o acampamento conforme as tribos.

5. Jornada para Canaã (Nm 9 a 14): após os 2 anos que englobam os escritos entre Êxodo 19 e Números 9, reiniciou-se a jornada já com uma certa organização social (baseada em clãs e famílias) e culto estabelecido.

Antes de entrar na terra, foram enviados espias que trouxeram notícias da força dos cananeus, quando apenas 2 dos 12 espias se colocaram favoráveis à invasão imediata: Josué e Calebe. Como castigo, Deus impediu a entrada daquela geração na terra.

6. Peregrinação no deserto (Nm 14): o que aparece descrito em apenas um capítulo foram aproximadamente 38 anos de peregrinação no deserto, quando todos os adultos que saíram do Egito pereceram e deram lugar aos mais jovens.

7. Novamente às portas de Canaã (Nm 20 a 21): depois de 40 anos da saída do Egito, Israel chegou novamente às portas de Canaã, vencendo os povos que se levantaram contra eles antes do Jordão – nas terras que seriam depois das tribos de Rubem, Gade e metade de Manassés. Depois dos episódios descritos em Números, o livro de Deuteronômio apresenta um resumo de toda a jornada na forma de discursos de Moisés. Ao final do livro, o profeta morreu, sendo sucedido por Josué.



Pare a leitura por aqui e veja o mapa do **Êxodo** no link abaixo:
<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Exodo.jpg>

O POVO DA PROMESSA

Cumprindo a bênção que Deus prometera a Abraão (Gn 12), havia naquele momento uma descendência que em breve teria uma terra e deveria abençoar todos os povos do mundo. Esta deve ser a perspectiva do entendimento da lei e de todos os rituais que Deus lhes passou no monte Sinai. Os israelitas foram chamados a fazer uma aliança com o Senhor por meio da qual seriam feitos sacerdotes para todas as nações (Ex 19.3-6). É este o sentido do grande espetáculo da aliança descrita em Êxodo 19, no qual Deus se fez presente ordenando em seguida os 10 mandamentos.

Mais tarde, Deus novamente manifestou-se ao Seu povo (Êx 29.43-46), ao qual repetiu a promessa dada aos patriarcas séculos antes. Havia então um povo em cumprimento ao que fora dito a Abraão; agora, este povo seria ensinado como ser bênção a todos os povos do mundo. Deus ainda anunciaria ao povo que um dia traria um profeta como Moisés (Dt 18.18).

A LEI DA ALIANÇA

Como um povo de sacerdotes, os israelitas deveriam ser uma nação santa, isto é, separada para Deus. O que lhes era proposto com a saída do Egito era uma vida de liberdade, algo desconhecido para eles, e com esta liberdade viria uma série de responsabilidades. Por isso, Deus entregou-lhes uma lei com o objetivo de compreenderem sua relação com a Santidade que doravante andava junto deles e para viverem em paz na terra que Ele lhes dava (Dt 4.39-40).

Costuma-se dividir a lei em duas partes: moral e cerimonial. Não é uma divisão do próprio texto, mas nós assim fazemos para melhor compreender.

1. Lei Moral: a lei possui 613 estatutos que são resumidos no decálogo (Êx 20). Foram prescritas diversas proibições para manter a saúde do povo, bem como dar-lhe o entendimento da santidade – ser separado para Deus. O mandamento “*não terás outros deuses*” é seguido de “*não farás imagem para adorar*” que nos mostra o essencial sobre o Senhor: não podemos conhecer Deus, não podemos nos aproximar Dele sem morreremos, não podemos fazer nenhuma imagem que O represente. De maneira geral, podemos dizer que a lei moral estabelece o relacionamento do homem com o Deus Santo e do homem com os outros homens.

2. Lei Cerimonial: já sabedor de que o homem não conseguiria cumprir a lei, Deus providenciou uma série de rituais reparadores para quando ela fosse quebrada. Esses rituais eram executados pelos sacerdotes do sistema levítico que girava em torno do tabernáculo. Aqui precisamos colocar uma questão fundamental para a visão cristã: o sacrifício do animal que aparece naqueles rituais não teria capacidade real de expiar pecados, mas era nada mais do que um ato de fé na providência de Deus. Tanto o tabernáculo quanto os sacrifícios eram símbolos e também uma espécie de “ato profético” de algo maior e definitivo que Deus estava preparando (conforme nos ensina o autor de Hebreus em Hb 7.22-28). Além disso, havia um fator didático: o povo aprendia que todo pecado conduz à morte – se não de quem pecou, de um animal inocente no lugar dele³.

O TABERNÁCULO

O tabernáculo era uma tenda construída com peças desmontáveis que funcionaria como um templo itinerante, adaptado à peregrinação e com o objetivo de se deslocar entre o povo, indo ao encontro das pessoas. É uma profecia que demonstra um Deus que deseja “tabernacular” no meio do seu povo, habitar entre os seus, sem uma casa fixa. Novamente precisamos entender o princípio simbólico desta construção: o tabernáculo era “modelo” de algo maior que Deus mostrara a Moisés no monte, ordenando-lhe que fizesse segundo aquilo que viu e que estava na eternidade (Êx 25.8-9 – Hb 8.4-5,13). O tabernáculo era um modelo baseado em algo eterno, por isso era uma construção com um caráter transitório, ordenado apenas para aquele momento.

3 Isso é fundamental para o posterior entendimento do sacrifício vicário de Cristo.

O tabernáculo viria a ser o único elemento centralizador das tribos de Israel. Mas não era o centro de uma organização política, nem funcionava como sistema judiciário. Os sacerdotes não faziam julgamentos, tampouco governariam o povo – não aparece no Pentateuco qualquer regulamentação civil ou estatal⁴. Ele era apenas o local de culto e expiação por meio dos sacrifícios voluntários e regulares, e onde se guardava o principal elemento simbólico da presença divina: a Arca da Aliança.

OS SACERDOTES E LEVITAS

Dissemos acima que todo o Israel seria sacerdote do mundo. Havia a necessidade permanente de trabalho no culto a Deus, mas que não podia ser feito por todos. Já na saída do Êxodo ficou evidenciada uma questão importante: cada primogênito pertence a Deus, uma vez que Ele os poupou da décima praga (Êx 13.1; Nm 3.40-41). Assim, o primogênito de cada família seria então o responsável pela manutenção do culto e dos sacrifícios. Como esta seria uma situação pouco prática, todos os primogênitos foram substituídos por uma tribo que faria o trabalho sacerdotal e o controle do tabernáculo: a tribo de Levi (Nm 1.48-50). Dentro desta tribo, apenas os descendentes de Arão poderiam ser sacerdotes (ou seja, trabalhar nos sacrifícios), enquanto os demais membros seriam auxiliares do serviço e da montagem, desmontagem e transporte do templo portátil. Como não receberiam terra em Canaã, os levitas viveriam dos dízimos das outras tribos (Nm 18.21-24) em cidades determinadas. O próprio serviço levítico e sacerdotal também veio “embutido de obsolescência”, ou seja, nasceu para acabar.

4 A formação estatal viria mais tarde, como procedimento humano com permissão de Deus, nada além disso.

Por que transitório? Simplesmente porque não haveria mais necessidade de tal trabalho no dia em que o Supremo Sacrifício viesse a ser realizado – Cristo, Cordeiro de Deus (conforme Hebreus 9). Mas naquele momento da história da salvação os sacrifícios foram necessários como figura terrena da eternidade porvir.

OS SACRIFÍCIOS

Há muitos sacrifícios prescritos entre regulares (que deviam ser executados pelos sacerdotes como prestação de culto do povo a Deus) e os voluntários (feitos pelo indivíduo quando quisesse fazer um voto a Deus ou por arrependimento pelo pecado). Não vamos detalhar esta parte neste curso, pois é bastante complexa.

O USO DA TERRA NA LEI

Um dos importantes aspectos da lei era estabelecer o relacionamento de um povo outrora nômade com a vida sedentária. O princípio básico da lei é que a terra pertence a Deus e o povo é peregrino sobre ela (Lv 25.23). Aos homens cabia apenas o seu uso, mas não a sua propriedade. Cada clã receberia uma porção da terra que permaneceria com eles para sempre, garantindo sustento e a sobrevivência. Por isso, a terra não deveria ser vendida, mas somente arrendada até o Ano do Jubileu que ocorria a cada 50 anos (Lv 25), quando ela deveria retornar para o dono original. Na mesma lógica, havia o levirato: quando um israelita morria sem filho homem, sua viúva deveria se casar com um irmão mais jovem para suscitar um descendente ao falecido, garantindo assim a perpetuação da terra na mesma família (Dt 25.5).

Apesar do levirato, eventualmente uma terra poderia acabar sendo vendida e passar para a posse de outro clã ou família por causa de dificuldades financeiras. Neste caso, existia a possibilidade perpétua de um membro da família original comprar a propriedade de volta, exercendo o seu direito de resgatador (o *go'el* descrito em Lv 25.24-25).

Outro aspecto muito interessante desta lei da “propriedade” é o direito dos pobres e dos viajantes que poderiam colher dos alimentos encontrados nos campos – deveria ser deixado para eles a produção das beiradas das plantações e também tudo o que caísse no chão no momento da colheita (Lv 19.9-10). Mesmo quem não tivesse terra alguma teria o direito de se alimentar sem a necessidade de qualquer esmola.

Aqui encerramos a nossa visão geral da primeira obra salvadora de Deus para o Seu povo. Deus tirou-os do Egito e os conduziu até a terra prometida, dando-lhes as condições de vida por meio de uma organização social onde prevalecia a liberdade com responsabilidade do uso da terra que eles estavam ganhando, bem como os limites do relacionamentos entre os homens e destes com Deus.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos marcados neste box.

ÊXODO	1	2	3	4	5	12	13	14	19	20	24
LEVÍTICO	1	16	19	23	25						
NÚMEROS	8	14	35								
DEUTERONÔMIO	4	6	9	30	34						

Exercícios de fixação

A Era Mosaica: o Povo da Promessa

1. O povo de Israel cresceu dentro das fronteiras do Egito, onde terminou escravizado. Para libertar Seu povo, Deus chamou Moisés. Em que momento este estava pronto para realizar tão difícil missão?
2. Após a saída do Egito, Israel permaneceu acampado em frente ao monte Sinai durante cerca de 2 anos. O que foi feito neste período?
3. Israel já estava frente à terra prometida após pouco mais de 2 anos depois do Êxodo. Mas ainda teve que esperar quase 40 anos para tomar posse dela. Por que isso aconteceu?
4. Para que os israelitas foram chamados por Deus para ser Seu povo de propriedade exclusiva?
5. Qual o sentido simbólico e profético da construção do tabernáculo?
6. O que representavam os sacerdotes e levitas na estrutura religiosa criada?

Respostas a partir da página 114.



A Era dos Libertadores: a Terra da Promessa

O grande tema dos discursos de despedida de Moisés (Dt 31.2-3) e de Josué (Js 23.1) foi o cumprimento momentâneo da promessa anunciada aos patriarcas: a terra. Ela pertencia a Deus e era dada em arrendamento a Israel, mas o povo deveria tomar posse da mesma. A soberania divina e responsabilidade humana andam juntas. Ao mesmo tempo, o povo teria descanso se cumprisse os mandamentos divinos (Dt 4.10-14). Antes de seguirmos com a história da entrada na terra prometida, precisamos entender um pouco do contexto dos povos que lá viviam e os motivos pelos quais Deus ordenou algo que nos choca: o extermínio de todas as comunidades que viviam em Canaã.

CONTEXTO: RELIGIÕES CANANÉIAS

Canaã era a faixa fértil no Oriente Próximo que unia os dois grandes blocos civilizacionais da antiguidade, a Mesopotâmia e o Egito. Como se tratava de uma espécie de “corredor de passagem” entre as grandes potências, nunca teve um reino poderoso o suficiente para fazer frente a elas ou se impor regionalmente.

Era uma terra habitada por diversos povos independentes entre si – a exemplo da Mesopotâmia. O termo “cananeu” é usado para designar os diversos povos que habitavam a região e falavam uma língua normalmente designada de “protocananeu” que teria dado origem ao fenício, aramaico e hebraico.

Entre os cananeus desenvolveu-se uma religião baseada numa divindade denominada *Baal*. Esta palavra significa “senhor”, daí seu uso para denominar diversas autoridades (a esposa chamava seu marido de “meu Baal”) e presente em diversos nomes (por exemplo, o filho de Saul era Is-Baal, ou “o senhor da casa”). Cada cidade tinha o seu Baal que geralmente possuía um nome próprio: Ugarit adorava *Baal-Ugarit*, Tiro adorava *Baal-Melkhart* e assim por diante. O culto de Baal envolvia uma série de sacrifícios semelhantes aos de Israel como alimentos (farinha, cereais, bebidas) e sangrentos (oferecimento de animais diversos). Diferenciava-se, entretanto, no fato do culto de Baal aceitar também o sacrifício humano e infantil. O detalhe que diferenciava este culto de outros sacrifícios humanos na história das civilizações era que o sacrificado seria um membro da própria família. Entre estes ritos, estava um sacrifício específico chamado *molk* que era a morte de um filho do ofertante, muitas vezes recém-nascido¹.

Baal era o deus principal e Astorete (Astarte, Asera ou Baalat), a deusa-esposa. Seus cultos envolviam práticas de prostituição ritual, quando sacerdotisas se relacionam sexualmente com os celebrantes para buscar a bênção da divindade e a consequente fertilização da terra². Tais práticas são abominadas pela lei mosaica (especialmente em Levítico 18).

1 Um episódio de *molk* (chamado Moloque na Bíblia) aparece em 2Re 3.26-27.

2 Um episódio de prostituição ritual foi praticada (ou tentada, pelo menos) pelo patriarca Judá quando do episódio com sua nora, Tamar (Gn 38).

Apesar da idolatria que contraria a vontade divina em diversos aspectos, existia a crença em *El*, divindade antiga e criadora de todas as coisas. Seu culto não tinha imagens nem rituais; Seu nome, *El*, foi um dos nomes cananeus de Deus adotado pelos hebreus, utilizado desde Jacó (Gn 33.20).



Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre **Canaã** no link abaixo:
<https://youtu.be/v1DUZtWTqpw>

A MEDIDA DA INIQUIDADE

Deus ordenou, na entrada de Canaã, que todos os povos cananeus fossem exterminados, não deixando ninguém vivo. É difícil para nós entendermos tamanha severidade. Entretanto, temos que levar em consideração as características dos cultos acima descritos – envolvendo a morte de crianças inocentes da própria família, fato pouco comum na história religiosa humana. Por causa destes pecados é que Deus decidiu pelo extermínio daqueles povos – não apenas para dar sua terra ao povo escolhido. Isso fica evidente quando encontramos referências aos cananeus em outros textos mais antigos. Deus já comentara a Abraão que estava aguardando a “*medida das abominações dos amorreus chegar ao seu limite*” antes de dar a terra aos descendentes do patriarca (Gn 15.16). Depois, quando transmitiu a lei a Moisés, mencionou uma série de pecados sexuais, seguindo a afirmação de que a própria terra estaria vomitando seus moradores por causa de suas práticas (Lv 18.24-25). Finalmente, nos discursos finais do próprio Moisés, este mencionou claramente ao povo israelita que Canaã não estava sendo dada a Israel por causa da sua bondade ou justiça, mas por causa da maldade dos povos que ali residiam e seriam castigados por meio da invasão (Dt 9.5-6).

Logo, o que precisamos entender é que a própria entrada dos israelitas em Canaã deveria ser um julgamento aos povos que lá habitavam, por mais severo que nos pareça. Deus esperou o arrependimento dos cananeus durante séculos, desde o tempo de Abraão; por fim, exerceu a justiça contra o pecado. A “ira de Deus” não é raiva: é a “*comoção da alma se insurgindo contra o pecado*”³. O amor não se isenta de promover a justiça.

JOSUÉ, O GENERAL DA CONQUISTA

Josué era um homem que seguia a Moisés de perto (Êx 33.11) e veio a ser seu substituto. A troca de liderança sempre é muito complicada, mais ainda se o líder a ser substituído era simplesmente o maior nome da história hebraica de todos os tempos. Mas Deus exaltou Josué diante do povo com a autoridade dos milagres e das vitórias militares, fazendo-os sentirem-se tão seguros quanto com o grande legislador (Js 4.14; 6.27).

Desde o início, Deus se apresentou a Josué com muito carinho, dizendo sempre para que ele fosse corajoso (Js 1.1-9; 10.8,25; 11.6). A empreitada requeria coragem e determinação, pois Deus iria à frente, mas o povo deveria fazer sua parte e empunhar as armas. A segunda palavra que Deus dava a Josué era “santifiquem-se”, pois o próprio Senhor, Santo como é, lutaria no meio deles. É preciso reverenciar tamanha presença. Importante perceber na leitura do texto bíblico a maneira como Josué se dirige para o povo, sempre com as mesmas palavras que Deus lhe dava: *sejam corajosos! Santifiquem-se!* (Js 3.5; 7.13). É assim que se completa a obra de Deus nas nossas vidas: com coragem e busca da santidade.

3 Conceito de Lactância (240 – 320 d.C.).

A ENTRADA EM CANAÃ

Moisés tirou o povo e o conduziu até Canaã, enquanto Josué foi o responsável pela entrada na terra. Moisés conquistou cidades da Transjordânia (Nm 21, Dt 34); Josué conquistou cidades de Canaã propriamente dita (Js 1 a 23). Na realidade, o livro de Josué não descreve a conquista de toda a terra, mas a entrada e a luta por alguns pontos estratégicos. Não se tratava da invasão de um grande exército organizado, mas sim a entrada de um bando de “sem-terras” que lutavam com armas improvisadas⁴. A dependência da ação de Deus era total e irrestrita.

Um momento importante na entrada em Canaã foi a reafirmação do pacto com Deus, quando o povo se reuniu em Siquém – não por acaso, um dos locais de moradia de Abraão, depois Isaque e também Jacó –, onde fizeram a leitura das bênçãos e maldições do Deuteronômio (Js 8.30-35). No mesmo local, sobre o monte Ebal, construíram um monumento com os 10 mandamentos gravados. Depois disso, foi feita a partilha da terra – não uma divisão para moradia imediata, mas uma promessa de conquista com auxílio do Senhor. Cada tribo deveria, a partir desta terra que lhe foi dada, tomar a posse e receber a bênção.



Pare a leitura por aqui e veja o mapa da **Conquista** no link abaixo:

<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Conquista.jpg>



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

JOSUÉ	1	2	3	8	10	11	24				
--------------	---	---	---	---	----	----	----	--	--	--	--

4 Já no tempo da monarquia, alguns séculos depois, só existiam duas espadas em todo o Israel (1Sm 13.19-22), quanto mais entre um povo que estava há 40 anos peregrinando no deserto...

JUÍZES: OS LIBERTADORES DE ISRAEL

Alguns afirmam que o período dos Juízes era marcado por uma espécie de “sistema de juízes”, ou seja, que havia uma organização política na qual líderes se levantariam de acordo com a necessidade. Na verdade, o livro descreve a ausência de qualquer sistema: tratava-se de uma série de tribos sem vínculo, na forma de sociedades de clãs, onde a organização se baseava nos laços familiares. Cada um fazia o que achava correto (Jz 17.6) porque não havia instituição que obrigasse cada indivíduo a seguir leis, por exemplo. Havia total liberdade tanto das tribos quanto de suas famílias, não existia nenhum tipo de Estado nem homem dominando sobre os israelitas. O termo “teocracia” é corretamente aplicado para descrever a situação no sentido de que nenhum homem se colocava entre o povo e Deus como um poder político⁵. Os sacerdotes não eram nem legisladores, nem governantes, mas apenas cuidavam da correção dos rituais do sacrifício. Se havia total independência política das tribos em relação umas às outras, o que as unia era a fé no mesmo Deus e o culto em torno dos símbolos da Arca da Aliança e do Tabernáculo. Era uma proposta de vida livre que Deus lhes fez, e não uma etapa de bagunça até que viesse um rei para “botar ordem nas coisas”.

Então, qual o problema que houve? As tribos não haviam conquistado a terra e desalojado os cananeus, como Deus ordenara (Jz 1.27-34). Esta foi a primeira desobediência que levou a outras: a idolatria, a prostituição, o assassinio. Por causa destes problemas, o livro de Juízes apresenta um ciclo que se repete na história das tribos: o povo apostatava da lei divina – caía em idolatria, abandonava a relação com Deus.

5 Quando se fala em teocracia, alguns pensam no governo do clero sobre o povo, e esta casta sacerdotal teria autoridade civil. Não é o caso do que está descrito em Juízes.

Com isso, o Senhor retirava sua mão de proteção e permitia que os inimigos tivessem sucesso contra os israelitas, punindo-os do abandono da aliança. Com o sofrimento, o povo se arrependia e passava a clamar a Deus que tinha compaixão e levantava um juiz⁶ para salvar o povo de seus inimigos. Depois disso, novamente sob o pacto da aliança, ocorria um período de descanso na terra (Jz 3.7-9) para nova queda mais adiante.

Tal ciclo se repete ao longo de todo o livro e apresenta a doutrina do arrependimento: Deus gosta de agir como o salvador de um povo que cai. A base desta doutrina está em Deuteronômio 30.1-10: desde Moisés já havia a previsão de que não seria possível ao israelita cumprir a lei, e por isso mesmo se colocava o princípio da conversão como caminho de relacionamento com o divino. Por isso, o “converter-se” é o mais alto elogio que alguém pode receber de Deus (como é dito por Salomão em 1Re 8.46-53 e sobre Josias em 2Re 23.25).

Note-se que a queda e o arrependimento não ocorreram uma única vez: surgem no livro de Juízes inteiro. Mas em todas as vezes que o povo clamou, arrependido, após desobedecer e sofrer a consequência, Deus perdoou e enviou o juiz-libertador⁷. Ele não exigiu daquele povo a perfeição, pois ela é impossível nesta vida: ele pediu o arrependimento, a conversão após cada queda. Então, faria o que mais gosta: perdoar e salvar.

6 A palavra que melhor define este personagem é “libertador”, não “juiz” como julgador.

7 A Bíblia cita diversos juízes que não são necessariamente em ordem cronológica: Otniel, Eúde, Samgar (Jz 3), Débora (Jz 4 e 5), Gideão (Jz 6 a 8), Abimeleque – usurpador (Jz 9), Tola, Jair (Jz 10), Jefté (Jz 10 a 12), Sansão (Jz 13 a 16), Ibsã, Elom, Abdom (Jz 12), Eli (1Sm 1 a 4) e Samuel (1Sm 1 a 9, 16). Outro detalhe importante: os juízes não eram de todo o Israel, mas atuavam apenas em uma ou poucas tribos.

Não é este o ciclo que vivemos em nossa vida cotidiana? Caímos, nos arrependemos e voltamos a Deus, que nos salva?

Era esta a maneira que Deus governaria Seu povo: trazendo-o de volta a cada experiência de apostasia, educando-o pouco a pouco a viver nos caminhos divinos. Isso é liberdade. Não é um único homem governando sobre todos que garantiria a fidelidade do povo a Deus – a história dos reis de Israel e Judá provaria isso.

Chegamos ao ponto em que Deus cumprira dois passos importantes na Sua grande promessa: havia um povo habitando sobre a terra prometida. A partir de então, novas perspectivas surgiriam, a partir inclusive de uma interferência indesejada – o surgimento da monarquia em Israel.



Pare a leitura por aqui e veja o mapa das **Tribos** no link abaixo:
<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Tribos.jpg>



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

JUÍZES	1	2	4	6	7						
---------------	---	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--

Exercícios de fixação

A Era dos Libertadores: a Terra da Promessa

1. Por que Deus mandou exterminar todas as comunidades que viviam em Canaã?
2. A entrada de Israel em Canaã representou uma invasão completa, com o total extermínio dos cananeus?
3. Como pode ser descrito o “sistema de juízes” vivido pelos israelitas no período pré-monárquico?
4. Havia um ciclo descrito em Juízes que se configurava na sequência “apostasia – punição – arrependimento do povo – Deus provém um libertador – descanso” que sempre voltava ao início e se repetia. Que maneira de Deus agir este ciclo demonstra?

Respostas a partir da página 115.



Tempo de Transição: Permissão à Monarquia

O que ficou claro desde o pacto da aliança estabelecida no monte Sinai é que Deus era o verdadeiro rei de Israel (como nos confirma o poeta em Salmos 149.1-2). Não existia um governo centralizado durante o período dos juízes, o que convencionou-se chamar “teocracia” – Deus governava o povo por meio do sofrimento quando este pecava e da salvação quando se arrependia, levada a cabo por homens eventualmente levantados na figura dos juízes-libertadores. Deus deu autoridade aos líderes por um tempo, mas não ordenou o domínio destes homens sobre o povo. Autoridade é uma coisa; domínio, outra. Mas Israel não se viu satisfeito com o processo que não deixava de ser doloroso. Crendo que a figura centralizadora de um dominador humano pudesse facilitar as coisas, pediram a Deus um rei e foram atendidos. Mas isto apareceu como uma concessão, não como um objetivo desejado desde o princípio – tanto que a regulamentação da monarquia não aparece na lei. Neste capítulo vamos tratar então de como ela acabou sendo instaurada em Israel, e como Deus, pela sua infinita graça, a incluiu na Sua promessa eterna.

RUTE, PONTE ENTRE OS JUÍZES E DAVI

A história de Rute aparece entre o livro de Juízes e os de Samuel como uma demonstração muito bela de como funcionava a liberdade do tempo de Juízes. Também mostra a origem humilde da linhagem de Davi, um homem que viria a ser uma etapa importante no desenrolar da promessa de Deus.

Primeiro, o livro demonstra em diversos momentos como funcionava na prática a lei mosaica por meio da narrativa da tragédia ocorrida com Noemi, uma judia que fora viver com o marido e os filhos na terra de Moabe. Esta mulher ficou viúva e perdeu também os filhos, ficando apenas com as noras que eram moabitas. Rute ficou famosa por cuidar da sogra no retorno para a Judeia, embora fosse estrangeira e livre de qualquer compromisso social com Noemi. Mais do que isso: como moabita, era-lhe proibido fazer parte da congregação de Israel (Dt 23.4). Mas por amor à sogra, acabou assumindo o mesmo Deus que ela e sujeitou-se a cumprir o resgate do *go'el* (além do *levirato*)¹ com Boaz, parente do seu falecido esposo.

O livro termina com o nascimento de uma criança que viria a ser o avô de Davi. Na genealogia de Davi aparecem duas mulheres excluídas: uma moabita (Rute) e uma prostituta cananeia (Raabe, conforme Mt 1.5). A história d'Aquele que viria, a promessa divina, começava com os desafortunados.

1 Tanto o *go'el* (resgatador) quanto o levirato foram vistos acima. Em Rute, se cumpriram os dois (Rt 3.9 e 4.1-6). Outro aspecto da lei que aparece no livro é a colheita dos pobres (Lv 19.9-10), registrado em Rute 2.2. Finalmente, a questão legal da terra não é resolvida por algum tribunal, mas simplesmente pelos homens que se assentam na entrada da cidade para decidir conjuntamente a questão (Rt 4.1-3). Isso é liberdade.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

RUTE	1	2	3	4										
-------------	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Antes de seguirmos no estudo dos fatos envolvendo a formação da monarquia, precisamos entender o contexto da entrada dos filisteus no cenário bíblico.

CONTEXTO: SURGIMENTO DOS FILISTEUS EM CANAÃ

Nos séculos XIII e XII a.C. ocorreram diversas convulsões que mudaram a geopolítica do mundo mediterrâneo: seca muito prolongada e movimento de povos. Grupos migratórios até hoje desconhecidos, chamados de *Povos do Mar*, começaram uma onda de invasões que passou pelo Mar Egeu e destruiu o reino dos micênicos, o império hitita e tentou invadir o Egito. Expulsos pelo faraó Ramsés III, alguns se estabeleceram na costa do Levante (por volta de 1175 a.C., no tempo dos juízes). Estes povos, de cultura muito avançada (semelhante aos cretenses), estabeleceram-se em cinco cidades do sul de Canaã (Gate, Asdode, Ascalom, Ecom e Gaza) e ficaram conhecidos como filisteus. Tão poderosos eram que, embora vencidos em batalha pelos hebreus algumas vezes, jamais foram dominados e nunca tiveram suas cidades conquistadas, mesmo no período áureo da monarquia israelita. Os filisteus seriam os inimigos fundamentais de Israel ao longo de toda sua história. É principalmente pela sua presença e opressão que veio o clamor dos israelitas por um rei.



Pare a leitura por aqui e veja o mapa dos **Povos do Mar** no link abaixo:

<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Povos-do-Mar.jpg>

SAMUEL, JUIZ DA TRANSIÇÃO

Uma personalidade foi muito importante neste período de transição entre o formato tribal e a centralização estatal da monarquia: Samuel. Ele foi inicialmente sacerdote, entregue pela mãe para ser criado no tabernáculo por Eli (1Sm 1.26-28). Depois, tornou-se profeta quando Deus manifestou-se a ele (1Sm 3.1-14, 19-21). Finalmente, chegou a juiz a partir do momento que ganhou fama ao expulsar os filisteus (1Sm 7.2-13).

O grande problema é que, no tempo de Samuel, o sacerdócio estava completamente corrompido (1Sm 2.12-17,22). Ou seja: enquanto menino, cresceu num ambiente hipócrita, mas manteve-se puro, ganhando a simpatia do povo que via a diferença dele para os filhos de Eli (1Sm 2.25-26). As revelações divinas que recebeu, bem como sua atuação na expulsão dos filisteus, garantiram-lhe o respeito do povo durante toda a sua vida. Com isso, tornou-se o mais importante juiz que Israel teve, além de julgar não apenas uma tribo (como era o padrão em Juízes), mas famoso entre todas elas. Naquelas circunstâncias, nasceu um certo conforto para o povo que passou a ver vantagens em ter um líder correto que lhes indicasse o caminho em todas as situações. Mas o problema da corrupção do sacerdócio não se resolveu mesmo com a forte atuação do profeta Samuel. Seus próprios filhos – que ele colocara como juízes em algumas localidades – tornaram-se perversos, o que gerou a indignação popular (1Sm 8.1-5) que passou a considerar o sistema religioso como não adequado a um governo salutar. Nisso, não estavam errados: a própria lei nunca considerou que o clero se envolvesse em governo.

Mas o cenário estava montado: crise interna do sacerdócio; o grande líder, Samuel, envelhecido; seus filhos e sucessores, corrompidos; os filisteus existindo como uma ameaça silenciosa mas pronta a voltar ao ataque. O povo de Israel decidiu tomar suas próprias decisões.

A PERMISSÃO DIVINA À MONARQUIA

O texto de 1Samuel 8 nos descreve o processo de pedido de um rei ao profeta Samuel. Observando como viviam os povos organizados em monarquias ao seu redor, os israelitas decidiram que também queriam viver dentro do mesmo sistema² e foram a Samuel para que este indicasse um rei. Ele, por sua vez, ficou profundamente ofendido com a solicitação. Não somente Samuel, mas o próprio Deus demonstrou estar desgostoso com o pedido (1Sm 8.6-9). Ficou muito claro que o povo achou por bem que um rei físico – um homem visível andando entre eles – seria melhor do que o governo de Deus que não pode ser visto.

É por isso que a monarquia entrou em Israel não como algo ordenado por Deus, mas como uma concessão, uma espécie de permissão. Ela – a monarquia – deveria acontecer, ter seu curso e terminar em desastre³. Além disso, Deus deixou muito claro o que implicaria a formação de um Estado centralizado: impostos, sequestro dos filhos e bens para a estrutura de governo, perda da liberdade (1Sm 8.10-18). Mas eles desejaram, e assim o tiveram.

2 As monarquias costumam erigir monumentos para enaltecer seu próprio nome – como aconteceu no caso da Torre de Babel. De certa maneira, Israel estava desejoso de construir a sua própria torre para também chegar aos céus.

3 A monarquia israelita se dividiu após a morte do primeiro rei, Saul, e os descendentes do único rei que deu certo (Davi) terminaram com o último dos monarcas, Zedequias, tendo os filhos mortos na sua frente e os olhos arrancados. Isso é bastante significativo.

SAUL, O PRIMEIRO REI

O primeiro rei de Israel foi Saul, da tribo de Benjamim. Protótipo físico do rei perfeito, era alto e de família importante (1Sm 10.23). Como uma primeira experiência monárquica, fracassou.

Saul funcionou mais como um juiz-libertador, pois era um rei guerreiro que organizava as milícias de defesa contra os inimigos. Nunca chegou a organizar a administração do governo. Seu grave problema foi que não entendeu o sentido da concessão que Deus dera para que um rei governasse em Israel: Deus continuaria sendo o verdadeiro rei e o governante deveria sujeitar-se à Sua vontade com humildade. Aconteceu o contrário: Saul tornou-se arrogante (1Sm 13.13-14), tomando para si tarefas que jamais lhe foram concedidas como o sacrifício antes da batalha (trabalho exclusivo do sacerdote). Seu orgulho custou-lhe o reino: Deus chamou Davi, ainda menino, para substituir o primeiro e desastroso rei de Israel.

A partir da formação da monarquia, iniciou também um permanente conflito entre o profeta e o rei (1Sm 12.16-25) que somente se resolveu ao longo da história bíblica quando o rei se sujeitou ao profeta (como foi o caso de Davi, elogiado não pela perfeição, mas pelo arrependimento). A saída de cena de Samuel deixou muito claro que Israel tomara uma decisão errada. Entretanto, a misericórdia de Deus dura para sempre: Ele não abandonaria Seu povo, nem deixaria de cumprir Sua promessa.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

1 SAMUEL	1	3	4	7	8	12	15	16	17	31
-----------------	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----

Exercícios de fixação
Tempo de Transição:
Permissão à Monarquia

1. Que povo chegava a Canaã mais ou menos na mesma época que os israelitas, e que se estabeleceu em 5 cidades na costa?
2. Quais fatores levaram os israelitas a pedirem um rei a Samuel?
3. Por que Deus se demonstra desgostoso com relação ao pedido de um rei?

Respostas a partir da página 115.



A Era Monárquica: o Rei da Promessa

A precariedade da monarquia israelita ficou evidente logo no início. Com a trágica morte de Saul em batalha contra os filisteus, as tribos dividiram-se, ficando Israel sob o reinado do filho sobrevivente de Saul, Is-Baal¹, e a tribo dissidente de Judá chamando Davi para assumir o trono de um novo reino. Assim, duas administrações separadas foram se firmando ao longo de 7 anos até que Is-Baal foi assassinado, ocorrendo então o convite das tribos do norte para que Davi assumisse também aquele reino (2Sm 5.1-5). A partir de então, o texto bíblico sempre se referirá ao “Reino de Israel e Judá” como se fosse uma confederação de duas coroas unidas – mesmo no tempo próspero de Salomão². Foi a Davi quem Deus deu uma profecia que ampliaria bastante a informação dada originalmente a Abraão: o segundo mais importante passo na linhagem da promessa.

1 Is-Baal, que significa “*o senhor da casa*”, era chamado pejorativamente de Is-Bosete, “*a vergonha da casa*”.

2 Algo como a Grã-Bretanha nos dias atuais.

DAVI, A PROMESSA DO REINO ETERNO

Davi foi um personagem eclético: o jovem pastor de ovelhas, o herói popular após a vitória sobre Golias, o mercenário militar, o rei de um império, o poeta. O primeiro ato do reino unificado das duas coroas foi conquistar a cidade de Jebus e torná-la a capital neutra entre os reinos, razão pela qual ela ficou conhecida como a “Cidade de Davi”. Jerusalém também viria a ser o futuro centro religioso, além de administrativo (2Sm 5.6-10, 2Sm 6). Grande estadista, Davi recebeu um pequeno reino caótico e o tornou uma potência regional.

Em Davi podemos perceber claramente o processo que descrevemos na análise do que acontecia no tempo de Juízes: apostasia, o peso da mão divina, arrependimento, perdão e salvação. Apesar de profundamente dedicado a Deus, caía terrivelmente, como no caso do adultério com Bate-Seba que levou ao homicídio do marido dela, Urias³. Depois de ouvir a repreensão do profeta, chorou seu pecado compondo o Salmo 51, sendo então perdoado por Deus – perdão tão completo que Deus lhe deu o filho Salomão desta mesma mulher (2Sm 12.24-25). Bate-Seba foi mais uma pecadora que entrou na genealogia messiânica. Davi não era perfeito; também era um pecador, mas que entendia a soberania divina e se sujeitava a ela com arrependimento. Por isso foi chamado “*um homem segundo o coração de Deus*” (1Sm 13.14).

Em Abraão tivemos a largada do que chamamos “promessa”, quando foi-lhe dito que dele sairia um povo do qual procederia uma bênção a todos os povos da terra. Com Davi, uma nova etapa foi alcançada, uma vez que a promessa a Abraão se cumprira.

3 Para piorar a situação, Urias era um estrangeiro que se tornou um dos maiores heróis de guerra do exército de Davi (2Sm 23.39).

Davi foi ungido três vezes (1Sm 16.13, 2Sm 2.4 e 2Sm 5.3), sendo, portanto, três vezes *messias*⁴. A ele foi feita uma nova promessa: haveria um ungido da parte Deus procedendo da sua descendência. Esta promessa aconteceu quando Davi decidiu construir uma casa (um templo) para Deus (2Sm 7.1-29). A resposta divina a tal consulta foi impactante: não seria Davi que construiria uma casa para Deus, mas Ele é que faria uma casa (uma linhagem) para Davi, do qual procederia um reino eterno. O antigo plano de Deus de abençoar todos os povos da terra continuava e agora também incluiria um rei da parte de Deus. Na promessa dada a Davi, havia um condicionante “se” que seus descendentes deveriam seguir: obedecer a lei, ou seriam castigados. Seus sucessores foram dignos? Não. E foram castigados cada um a seu tempo. Mas, se o condicionante era aplicado aos indivíduos, não o era à linhagem em si, pois nela residia o cumprimento da promessa que dependeria somente de Deus. Sim: apesar dos horrores que os descendentes de Davi promoveram, Deus moldaria o destino humano para o Seu propósito e traria um Rei Eterno.

SALOMÃO, O ÁPICE E A QUEDA

O filho de Davi começou muito bem: pediu sabedoria na primeira vez que Deus lhe apareceu (1Re 3.3-15). Sendo atendido no pedido, tornou-se famoso pela sabedoria, justiça e riqueza. Foi grande construtor, levantando palácios e cidades estratégicas (1Re 9.17-19) além do templo em Jerusalém, uma nova concepção de culto centralizado. Na ocasião, Deus lhe apareceu segunda vez com uma promessa e uma advertência (2Cr 7.11-20).

4 Messias é uma transliteração da palavra hebraica “*Mashiach*” que significa ungido. A tradução grega é “*Christós*”.

O que Deus disse a Salomão naquela ocasião foi a repetição do que fora dito a Davi. Depois, vieram os problemas que ironicamente acompanharam a prosperidade do reino. Seu erro principal foi o harém que o levou à idolatria (1Re 11.1-8). As esposas eram resultado das alianças comerciais entre reinos da antiguidade, pois não existiam convenções internacionais para regulamentar o comércio – o que havia era a união sanguínea entre famílias monárquicas. Por isso, os templos e altares que Salomão construiu possivelmente tenham sido para atender o desejo das esposas e seus comerciantes com o objetivo de não perder as vantagens de tais relações. Salomão não foi seduzido pelo sexo: foi pela riqueza da prosperidade. Foi então que Deus apareceu terceira vez ao rei, mas desta vez para julgamento (1Re 11.9-13), cumprindo o castigo que prometeu se o descendente de Davi pecasse.

A queda de Salomão não significava o fim: Deus ainda manteria a promessa de trazer um Rei Eterno, cujo cumprimento permanecia na linhagem davídica.



Pare a leitura por aqui e veja o mapa do **Reino de Davi** no link abaixo:
<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Reino-Davi.jpg>



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

2 SAMUEL	2	5	7	11	12						
1 REIS	1	8	11								

Exercícios de fixação

A Era Monárquica: o Rei da Promessa

1. A monarquia foi instaurada em Israel e teve um péssimo reinado com Saul, sendo que o reino se dividiu após sua morte, ficando Israel com seu filho Is-Baal e a tribo de Judá com Davi. Depois da morte do primeiro, Davi passou a reinar sobre todo o povo novamente reunido. Foi neste momento que Deus lhe deu uma promessa, uma nova e importante etapa da revelação divina. Que promessa foi essa?
2. A monarquia unificada de Israel durou apenas duas gerações: a de Davi e de Salomão. O que aconteceu para que as tribos se dividissem?

Respostas a partir da página 116.



A Era Sapiencial: a Vida na Promessa

A época de Salomão representou o grande nascimento das artes e da literatura em Israel. A literatura sapiencial (de sabedoria) aparece com força no livro de Provérbios, e a poesia encontra grande desenvolvimento nos Salmos e Cantares. O livro de Eclesiastes traz uma reflexão profunda sobre o sentido da existência.

Nesta literatura antiga, o “temor do Senhor” junta a promessa patriarcal com a sabedoria, trazendo a reverência como orientação para todos os aspectos da vida. Neste sentido, não há divórcio entre o secular e o sagrado: fé e conhecimento andam juntos. Nos poemas, o principal modo de falar do sagrado é a analogia, comparando uma verdade eterna com algo do cotidiano. Aprende-se, assim, mais pelos sentidos do que pela especulação.

A poesia hebraica possui um formato diferente e intraduzível em relação à nossa língua¹. Ela produz um paralelismo fazendo uma afirmação seguida de outra em moldes semelhantes.

1 Na verdade, não é possível traduzir uma poesia para outra língua; perde-se ritmo, beleza estética, e até mesmo os sentidos profundos de uma palavra.

Isto é executado com ideias idênticas, mas com outras palavras (como em Sl 51.5), com ideias contrastantes (como em Sl 1.6) ou numa sequência de ideias (veja em Pv 11.22). É um padrão poético bastante comum no Antigo Oriente Próximo, semelhante aos ditos egípcios, mesopotâmicos e cananeus.

Não são apenas os livros organizados no grupo sapiencial (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares) que são escritos na forma poética. Boa parte do Antigo Testamento é escrito desta maneira, como quase todos os livros proféticos e partes do Pentateuco. Mas neste bloco nos ateremos somente aos citados acima. Além disso, os livros poéticos não foram escritos somente no período de Salomão: os Salmos, por exemplo, existem desde o tempo do Êxodo e provavelmente foram compilados por Esdras, no final do período do Antigo Testamento.

JÓ: O SOFRIMENTO DO JUSTO

O livro de Jó trata sobre o sofrimento humano com sinceridade extrema – daí a dificuldade de muitos com este livro. Jó perdeu tudo o que tinha (bens e família) e até mesmo a saúde, mas respondeu com a fé – ou seja, a fidelidade a Deus apesar de tudo dar errado (Jó 1.21). A essência de sua crise não foi essencialmente o que lhe aconteceu, mas o fato de não entender qual era a causa do seu sofrimento. Ele sabia que não fizera nada de errado para merecer aquilo (Jó 10.1-2) e queria somente uma explicação. Seus amigos, entretanto, insistiam que toda tribulação é resultado de pecado, numa relação de causa e efeito inquestionável (sendo a causa, o pecado, e o efeito, o sofrimento – Jó 8.3-6). Chegaram ao cúmulo de acusar o sofredor de orgulhoso por não se arrependar do que teria feito (Jó 15.12-14), o que é a tragédia do livro.

O fracasso da amizade foi agravada pelo fato de seus amigos usarem uma teologia plausível (o pecado gera sofrimento) mas mal aplicada (não era o caso de Jó). Jó também acreditava na relação causa-efeito e que Deus estava sujeito a tais regras. Afinal, Ele é Deus de justiça. Só que agora ele sentia na carne que isso não podia ser uma regra absoluta, pois o que lhe acontecia não era um castigo por pecado (Jó 23.11-17).

Ao final do livro, Deus se apresentou, mas nada explicou em relação ao sofrimento de Jó – ele apenas demonstrou sua glória e soberania (Jó 38.1-4). “*Onde você estava quando eu criava o universo?*” foi a tônica do discurso divino. Mudou o foco da questão: se Deus é soberano e suas ações inquestionáveis, não precisa explicar nada ao homem. Se tivesse que fazê-lo, o Senhor seria o servo. Mas o que fica patente em todo o livro é que Jó era justo. A visão simplória de causa-efeito caiu por terra; relacionar-se com Deus é entrar na dimensão da fé (um salto no desconhecido) e do mistério (Jó 42.1-6). O homem já não “*conhecia Deus somente de ouvir falar*”, mas agora “*podia vê-Lo com seus próprios olhos*” – não viveria mais somente num jogo de fazer-isso-para-ganhar-aquilo, pois Deus não podia ser enquadrado nos seus sistemas, nem ser controlado baseado nas próprias atitudes.

No meio do seu sofrimento, Jó persistiu na fidelidade a Deus mesmo quando não encontrou o sossego, por isso foi considerado justo por Deus (Jó 42.7-8). O Senhor não levou em conta as coisas terríveis que por vezes Jó falou: Deus dá espaço para a confiança construída com honestidade.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

JÓ	1	2	3	8	9	10	38	42		
-----------	---	---	---	---	---	----	----	----	--	--

SALMOS: CÂNTICOS DO CORAÇÃO

Os Salmos são poesias escritas para serem cantadas na adoração a Deus como expressões profundas de experiências com Ele em temas muito variados. Podem ser classificados como didáticos (ensinam alguma coisa, como Sl 1), de louvor (Sl 45), de arrependimento pelo pecado (Sl 51), pedido de restauração após um longo sofrimento (Sl 126), louvor pelo livramento (Sl 116), etc. Como são fruto de situações as mais variadas, também há salmos de lamento pela sorte que Deus destinou² (Sl 88). Assim como em Jó, há espaço permanente para a honestidade na relação com Deus. O que não é possível é mascarar a verdade de quem nós somos e quem Deus é. Ele é o Senhor; nós, os servos.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

SALMOS	1	15	23	32	84	91	126	139		
---------------	---	----	----	----	----	----	-----	-----	--	--

PROVÉRBIOS: ORIENTAÇÕES PARA A VIDA DIÁRIA

Provérbios é um livro de pensamentos para orientar a conduta na vida diária. Não trata apenas de escritos por Salomão, mas também coletados por ele entre a sabedoria dos antigos (veja Pv 30.1 e 31.1), e alguns transcritos muito depois da sua morte (veja Pv 25.1). Estes ditos não são “lei” no sentido de que tudo o que eles falam acontecerá com certeza – aí cairíamos no problema “causa-efeito” relatado acima no livro de Jó. Provérbios trata de probabilidades na vida do homem que age com prudência.

² Para o hebreu antigo, Deus é soberano e o mal que lhe sobrevém também foi enviado por Ele. Por isso, clama pelo livramento, pois sabe que Deus está no controle de tudo.

Os provérbios são importantes para o nosso cotidiano, pois trazem à luz como andar corretamente com Deus na nossa vida em família e sociedade.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

PROVÉRBIOS	1	3	8	17						
-------------------	---	---	---	----	--	--	--	--	--	--

ECCLESIASTES: O TEMOR DO SENHOR

Eclesiastes é o livro escrito por um idoso desiludido com a vida (Ec 1.17-18). Para ele, todas as coisas que temos ou fazemos são vazias, ocas, como “correr atrás do vento”, uma “névoa de nada” (Ec 2.11-15). Não temos como perceber a integração entre os fatos do cotidiano, e muito menos a relação disso com o divino. O trabalho não tem sentido; a família também não; os estudos, muito menos. O homem, por si mesmo, não pode juntar as peças do quebra-cabeça da vida (Ec 3.1-11). É somente quando alguém chega a temer a Deus é que começa a perceber a unificação da verdade, da erudição e da vivência (Ec 12.13-14). Deus está presente no mundo e nos pequenos fatos da nossa existência, e é isto que dá sentido a cada um deles. Não entendemos como a rede dos nossos acontecimentos se liga à rede dos acontecimentos dos outros homens; mas Deus está por trás disso tudo. Por isso, devemos viver no temor de Deus, crendo que cada detalhe do que fazemos tem um propósito, mesmo que não saibamos qual é.

Cada ação, por si somente, não é importante. Mas em Deus tudo está unificado e pleno de sentido – e somente nEle.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

ECCLESIASTES	1	3	12							
---------------------	---	---	----	--	--	--	--	--	--	--

CANTARES: A CELEBRAÇÃO DO AMOR

O livro é intitulado pelo seu autor de “Cântico dos Cânticos”, ou seja, o melhor dos cânticos que ele já escreveu. O tema do livro é o amor conjugal, o relacionamento entre homem e mulher que os gregos chamam de *eros*³. Muitos consideram este livro um símbolo da relação entre Cristo e sua igreja, o que pode ser. Entretanto, suas figuras de linguagem possuem conotação explicitamente erótica, o que torna o livro complicado para uma leitura pública para exemplificar a relação entre o Senhor e seu povo. Por isso, consideramos este um livro que celebra o amor conjugal ordenado por Deus desde a criação. Nada mais natural: o casamento é a base para a família, a mais importante instituição deixada por Deus para nossa vida neste mundo. Por que não haver um livro para exaltar o sentimento que é a gênese de tal relação?



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

CANTARES	5																		
-----------------	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

3 Embora os hebreus não façam a diferenciação entre tipos de amor diferentes.

Exercícios de fixação

A Era Sapiencial: a Vida na Promessa

1. Como a literatura sapiencial (a poesia hebraica) trabalha as questões da vida relacionado ao sagrado e ao secular?
2. O livro de Jó nos demonstra que a vida não pode ser simplesmente encarada da perspectiva de causa-efeito, ou seja, se eu fizer isso, me acontecerá aquilo. O que significa relacionar-se com Deus segundo a experiência de Jó?

Respostas a partir da página 116.



Os reinos de Israel e Judá: desdobramentos da Promessa

Com o estabelecimento da etapa provisória da promessa de Deus com um povo sendo abençoado e a perspectiva de um Rei Eterno que viria, os profetas poderiam focalizar a atenção no plano divino que abrangia o mundo. Era um plano único e eterno, cumulativo, com um objetivo nacional (para Israel) e outro cosmopolita (para todos os povos). Mas surgia um problema no horizonte do cumprimento desse plano: o pecado de Israel exigia muita atenção dos profetas. Entraria em cena o que foi dito desde o Deuteronômio e repetido a Davi em relação aos seus descendentes: os pecados deveriam ser julgados. Mas a promessa não seria afetada.

O MOVIMENTO PROFÉTICO NO ANTIGO TESTAMENTO

Há profetas ao longo de todo o Antigo Testamento. Entretanto, a partir dos séculos X e IX a.C. iniciou-se uma nova fase: não eram mais integrados ao governo, mas uma espécie de oposição à monarquia e aos desmandos dos reis.

Antes, as profecias costumavam ser orais, como no caso de Elias e Eliseu. Mas, depois da divisão do reino, surgiram os que deixaram suas palavras registradas por escrito (como Obadias, Joel, etc). A partir dos séculos VIII e VII, houve uma transformação radical: os profetas passaram a dar mais atenção ao contexto popular e às nações estrangeiras (caso de Amós e Isaías).

As profecias tinham um duplo viés: condenavam o pecado de cada geração, chamando-a ao arrependimento a fim de evitar a ira divina; por outro lado, eram uma janela que Deus abria para seu povo por meio da qual seria possível ver o propósito de Deus e Sua obra redentora. Era uma mensagem de Deus para a situação presente à luz da missão redentora universal em andamento.

O CISMA HEBRAICO

Após a morte de Salomão, Israel e Judá voltaram a se separar. A questão é complexa, por isso há uma explicação teológica e outra natural:

1. *Explicação Teológica:* o cisma dos reinos ocorreu por causa da idolatria de Salomão (1Re 11.9-13,29-33), conforme vimos acima ao tratar da sua vida. Nesta explicação, Deus mesmo dividiu o reino e o deu a Jeroboão (1Re 11.26-32,37-39) como cumprimento do castigo profetizado anteriormente.

2. *Explicação Natural:* as diversas obras de Salomão (na construção do templo, ampliação de Jerusalém, fundação de cidades e palácios) formaram classes de trabalhadores e de administradores, intensificando a divisão social entre ricos bem remunerados e pobres explorados. Além disso, gerou pesados impostos e criou a corveia (trabalho gratuito para o Estado em alguns períodos do ano).

Na explicação natural, o responsável pela divisão também foi Salomão¹, pois ele criou as condições econômicas e políticas que explodiram no tempo do seu filho Roboão, o qual não teve a sabedoria de afrouxar a tensão social que se formara (1Re 12.1-19).

Assim, a partir de Roboão, o reino se dividiu. As tribos do norte, lideradas por Jeroboão, separaram-se do governo de Jerusalém, ficando o antigo reino de Davi assim dividido:

- **Reino do Sul (chamado Judá):** ficou com Judá, Simeão (já misturado no território), Benjamim (onde ficava a cidade de Jerusalém) e boa parte de Levi.

- **Reino do Norte (chamado Israel):** todas as demais tribos.



Pare a leitura por aqui e veja o mapa do **Reino Dividido** no link abaixo:
<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Reino-Dividido.jpg>

CARACTERÍSTICAS DO REINO DO NORTE (ISRAEL)

O Reino do Norte (Israel) ficou com o maior poderio econômico e militar, já que no seu território ficavam as terras mais produtivas e o maior contingente populacional. Efraim era a principal e a mais rica tribo (por isso, o texto bíblico frequentemente se refere ao reino de Israel como “Efraim” ou “Casa de José”). Entretanto, nunca houve no norte uma família tão importante que conseguisse centralizar a fidelidade de todas as tribos. Daí a primeira característica deste reino:

1 Mas Salomão não era o mais sábio dos homens? Como ele mesmo afirmou, o “temor do Senhor é o princípio da sabedoria”. No momento em que perdeu o temor, se foi com ele a sabedoria e o rei passou a agir como qualquer cobiçoso monarca da antiguidade.

1. Instabilidade política: sem uma identidade dinástica importante como a de Davi, nenhuma família se estabilizou no poder. Ao longo de toda a história israelita houve constantes golpes de Estado e trocas de dinastias – foram 9 dinastias para apenas 19 reis, o que revela grande dificuldade de casar interesses.

2. O pecado de Jeroboão: a segunda característica do reino de Israel é o que o texto bíblico chama constantemente de “*pecado de Jeroboão*”. Ao formar um reino separado de Jerusalém, o novo rei encontrou-se num dilema: como manter o reino sem um cisma religioso, uma vez que todo o seu povo teria que ir frequentemente para Jerusalém a fim de sacrificar e realizar as festas religiosas? A solução por ele encontrada foi adaptar a religião sem trocar de Deus (1Re 12.26-33), mudando o sacerdócio e as prescrições levíticas de culto. Para tanto, fez dois bezerros de ouro para representarem a Deus, transgredindo assim o segundo mandamento (não fazer imagens para adorar), e os colocou em Betel e Dã². Além disso, trocou o sacerdócio de Levi por outro que seria liderado por sacerdotes voluntários dentre o povo, sendo ele mesmo o sumo sacerdote³. Finalmente, Jeroboão trocou o centro de sacrifícios de Jerusalém para Betel. Todas estas mudanças no culto tinham um único objetivo: garantir a integridade da monarquia recém instaurada. Em outras palavras, o rei Jeroboão utilizou das coisas de Deus e de Seu culto para cumprir finalidades políticas, garantindo a estabilidade de seu governo. Este é o que podemos considerar como o principal problema que viria a ser chamado “*pecado de Jeroboão*”.

2 Estes locais não foram aleatórios: eram “lugares altos” tradicionais da fé hebraica, o primeiro relacionado à experiência de Jacó com Deus (Gn 28), e o segundo, com o culto criado pela tribo que migrou para o norte no tempo dos Juízes (Jz 17-18).

3 Sem a estrutura religiosa que os sustentasse, muitos levitas migraram para Judá (2Cr 11.13-15).

REIS DO NORTE (ISRAEL) NO SÉCULO IX A.C.

1. **Jeroboão** (1Re 12–14): superintendente de obras de Salomão e primeiro rei de Israel. Criou o culto sincrético para impedir as peregrinações do povo a Jerusalém. Seus sucessores permaneceram neste culto.
2. **Nadabe** (1Re 15.25–28): reinou apenas dois anos e foi assassinado.
3. **Baasa** (1Re 15.27–16.7): assassinou os descendentes de Jeroboão.
4. **Elá** (1Re 16.8–14): filho de Baasa, assassinado por Zinri.
5. **Zinri** (1Re 16.8–20): exterminou a descendência de Baasa em uma semana; foi atacado por outro comandante, Onri, e suicidou-se.
6. **Onri** (1Re 16.15–28): um dos principais reis de Israel. Construiu a capital Samaria e fez importantes alianças internacionais, principalmente com a Fenícia. Originou um tempo de grande prosperidade.
7. **Acabe** (1Re 16.29–22.40): filho de Onri, casou-se com Jezabel (de Sidom). Com a influência dela, trouxe o culto de Baal e atacou os profetas de Deus. No seu tempo levantou-se o profeta Elias e depois Eliseu.
8. **Acazias** (1Re 22.52 – 2Re 1.18): filho de Acabe, manteve o Baalismo.
9. **Jorão** (2Re 1.17–9.29): irmão de Acazias, foi assassinado por Jeú, homem ungido por Eliseu para exterminar a casa de Acabe.
10. **Jeú** (2Re 9–10): fundador da mais duradoura dinastia de Israel, massacrando a casa de Acabe e o culto de Baal. Manteve o culto sincrético.
11. **Jeocaz** (2Re 13.1–9): administrou o reino com dificuldade.
12. **Jeoás** (2Re 13.10–14.15): estabilizou o governo e a administração. Teve uma importante vitória contra Judá, saqueando Jerusalém.

O COMBATE AO BAALISMO NO NORTE: ELIAS E ELISEU

Ainda no primeiro século de história do Reino do Norte, o tradicional culto cananeu de Baal (tratamos deste culto acima) penetrou com força entre o povo hebreu. Foi no governo de Acabe, casado com a fenícia Jezabel que tornou *Baal-Melkhardt* (divindade de Tiro) o deus oficial de Israel. Foi neste período sombrio de Israel que Deus enviou os profetas Elias e Eliseu com a missão de trazer julgamento acompanhado da graça – a possibilidade do arrependimento e restauração.

Como o povo de Israel e seu governo se desviara do propósito redentor da promessa – ser bênção a todos os povos –, o profeta Elias foi enviado com uma palavra judiciosa. Na sua atuação houve impiedade contra o culto macabro de Baal (1Re 18.37-40), repleto de cenas sanguinárias e acompanhado de palavras severas contra os reis de Israel. Já com seu sucessor, Eliseu, ocorreu o derramamento da graça. Este foi o profeta que agiu com misericórdia até para com os inimigos, como no caso da cura de Naamã, general do reino inimigo da Síria (2Re 5.15-19). Ao mesmo tempo, aconselhava os reis por piores que eles fossem (2Re 13.14-21). Eliseu, ao contrário de Elias (que desapareceu nos ares), veio a padecer e morrer de uma doença (2Re 13.14).

Ambos os profetas são símbolo da dupla ação divina no relacionamento com os homens, trazendo o julgamento pelos pecados acompanhado da bênção da graça para o arrependido. Além disso, são figura profética do cumprimento da promessa em duas pessoas do Novo Testamento, João Batista e Jesus Cristo: Elias é figura daquele que vem com severo aviso do julgamento e da necessidade do arrependimento e Eliseu é figura do derramamento da graça entregue por meio do sofrimento de Jesus.

Voltando ao momento histórico que Israel vivia: com estes dois profetas, mais o trabalho do rei Jeú – que fora ungido por Deus para exterminar tanto a casa de Acabe quanto a religião cananeia (1Re 19.15-17) –, o Baalismo foi exterminado no Reino do Norte para não mais voltar.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

1 REIS	12	14	16	17	18	19					
2 REIS	2	5	9	10							

CARACTERÍSTICAS DO REINO DO SUL (JUDÁ)

Se o Norte foi marcado pela instabilidade política e mudança da estrutura religiosa, com o Sul (Judá) ocorreu precisamente o contrário. As duas primeiras características demonstram essa diferença:

1. Estabilidade política: ao contrário do que ocorreu no Norte, em Judá sempre houve fidelidade à dinastia de Davi (exceto no golpe de Atalia que veremos adiante). Até o trágico fim da monarquia, sempre foi um descendente de Davi, por pior rei que fosse, a sentar no trono de Jerusalém.

2. Manutenção do culto levítico: outra característica é que a religião oficial permaneceu dentro dos preceitos levíticos, segundo os estatutos do Pentateuco. O centro da religiosidade – o templo e suas estruturas – também permaneceu em Jerusalém, como fora desde Davi e Salomão.

3. Profunda infidelidade religiosa: apesar de ter se mantido no culto original, ao longo da história judaica ocorreram diversas ações idólatras, com uma infidelidade religiosa generalizada entre a população e também por parte da monarquia. Além disso, em Judá – a exemplo de Israel – também ocorreu a introdução do Baalismo.

REIS DO SUL (JUDÁ) NO SÉCULO IX A.C.

1. Roboão (1Re 14.21-31; 2Cr 9.31-12.26): filho de Salomão com uma princesa amonita, foi o responsável pela divisão do reino, dada sua intransigência. Caiu na idolatria.

2. Abias ou Abião (1Re 15.1-8; 2Cr 13.1-22): filho de Roboão, entrou em guerra contra Israel.

3. Asa (1Re 15.9-24; 2Cr 14.1-16.14): filho de Abias, foi fiel a Deus, promovendo a primeira grande reforma religiosa.

4. Josafá (1Re 22.41-50; 2Cr 17.1-21.1): filho de Asa, foi grande administrador, construtor de fortalezas e armazéns. Manteve as reformas religiosas do pai. Seu grande erro: aliança com Acabe, casando o filho com Atalia.

5. Jorão (2Re 8.16-24; 2Cr 21.1-20): filho de Josafá, casou-se com Atalia, que trouxe o Baalismo para Judá. Jorão assassinou todos os seus irmãos, temendo eventual oposição. Morreu de terrível doença intestinal.

6. Acazias (2Re 8.25-29; 2Cr 22.1-9): filho de Jorão e Atalia, deu continuidade ao Baalismo em Judá. Foi morto por Jeú, o usurpador do Norte, cumprindo a profecia de extermínio da casa de Acabe.

7. Atalia (2Re 11.1-21; 2Cr 22.10-23.21): os outros irmãos de Acazias já haviam sido mortos pelos inimigos; Atalia promoveu um golpe matando todos os outros membros da casa real. Escapou somente Joás.

8. Joás (2Re 12.1-21; 2Cr 23-24): foi criado escondido pelo sacerdote Joiada. Quando Joás tinha 7 anos de idade, Joiada mandou matar Atalia e colocou o menino no trono. O sacerdote atuou como regente, promovendo a reforma religiosa. Depois de sua morte, Joás apostatou, mas acabou assassinado.

9. Amazias (2Re 14.1-22; 2Cr 25.1-28): filho de Joás, matou os conspiradores. Também foi assassinado.

BAALISMO E MATANÇA NA DINASTIA DE DAVI

Se em Israel o Baalismo penetrou com força, fazendo com que Deus levantasse os profetas Elias e Eliseu para combater sua influência, em Judá não foi diferente. Durante o primeiro século do reino independente já se vivia um dos piores momentos de idolatria, ocasião em que a dinastia de Davi quase foi exterminada. Tudo iniciou quando o rei Jorão, filho de Josafá, subiu ao trono. Ele era casado com Atalia, da dinastia de Acabe e Jesabel, mulher que o influenciou a estabelecer também em Jerusalém o culto de Baal. Provavelmente seus irmãos se opuseram à medida, talvez a razão pela qual os tenha assassinado (2Cr 21.4-7), crueldade esta que lhe custou a vingança divina numa morte em terrível agonia (2Cr 21.16-20). Jorão foi sucedido pelo seu filho Acazias.

Acazias acabou morto em batalha pelo rei Jeú de Israel (2Re 9.27). Como os demais irmãos de Acazias haviam sido mortos por árabes e por Jeú (2Cr 22.1 e 2Re 10.12.14), Atalia tomou o poder em Judá e tornou-se rainha. Temendo que fosse tirada do trono em favor de um sucessor da linhagem davídica, ela mandou assassinar todos os descendentes de seu marido – o que incluiria seus netos (2Cr 22.10-12). Escapou somente um bebê chamado Joás, salvo por Josaba, irmã de Acazias e casada com o sumo sacerdote Joiada que escondeu a criança no templo durante 6 anos.

Quando Joás tinha 7 anos, seu tio Joiada promoveu um golpe de Estado, mandando matar Atalia e coroando o menino como rei de Judá (2Cr 23.1-3, 12-15). Evidentemente, quem governava não era a criança, mas seu tutor Joiada que aproveitou para reformar a religião e retornar ao culto oficial levítico. Entretanto, após a morte do sacerdote, Joás também apostatou como fizeram seus antecessores.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

2 REIS

11 | 12

| | | | | | | | | |

Observe-se o quanto degenerou a tão louvada dinastia de Davi, foco das esperanças de um futuro glorioso para os israelitas – agora divididos em um reino onde a religião é comandada pela política e outro apóstata. Como essa tragédia que se tornou a descendência do homem que era “segundo o Seu coração” pode portar a promessa de Deus?

O DIA DO SENHOR

É diante da crise do contraste entre a promessa de Deus e a realidade cruel dos fatos que se levantaram os profetas ditos “escritores”, aqueles que compõe todos os livros proféticos do Antigo Testamento. Diante da calamidade que se avizinhava, os profetas trouxeram palavras de julgamento contra as formas presentes do povo de Deus, mas sem perder de vista a perspectiva eterna daquilo que estava prometido desde Abraão: abençoar todas as famílias da Terra. Ou, em outras palavras, como afirmado acima: a mensagem de Deus para a situação presente era dada à luz da missão redentora universal em andamento.

Assim, surgia a mensagem dos profetas Obadias e Joel, os primeiros profetas escritores⁴. A forma presente deveria ser julgada, e em função disso surgia um tema novo na profecia veterotestamentária: o futuro e terrível *Dia do Senhor*, um dia de julgamento severo contra o pecado das nações. Obadias foi o primeiro a citar o evento, neste caso contra os edomitas (Ob 15), vizinhos de Israel que não deram passagem por ocasião do Êxodo e mantinham constante belicosidade contra o povo israelita. Com Obadias, o leque da ação divina começava a se expandir: o alvo do julgamento do Senhor não era mais somente o povo escolhido, mas também seus vizinhos – uma ampliação de horizontes que atingira a plena luz com Isaías e Ezequiel, para quem a ira de Deus cairá sobre todos os povos do mundo.

Outra característica do Dia do Senhor aparece descrita em Joel, onde se afirma que será um dia de calamidade (Jl 1.15) mas também de infusão do Espírito sobre toda carne (Jl 2.28-32).

4 Existem controvérsias a respeito da data de autoria destes livros, variando entre 850 a.C. até 400 a.C. Não há como afirmar esta ou aquela opinião; aqui, adotamos as datações mais antigas.

Joel marca a dualidade da profecia: sempre uma palavra severa na qual Deus condena o pecado acompanhada de uma esperança de restauração. É a dupla *juízo-graça* aparecendo juntamente na Palavra de Deus – como já fora desde Adão e Eva. E quanto ao Dia do Senhor? Nesta profecia também se manifesta a característica presente e futura comum ao movimento profético: cada evento no qual Deus derrama sua fúria e também sua graça é um evento de juízo ao longo dos séculos; ao mesmo tempo, todos eles são prenúncio de um grande, severo e glorioso Dia Final que será o clímax e súpula de todo o restante. É a Palavra de Deus sendo viva e eficaz para cada geração que a ler e vivenciar.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

OBADIAS	1																		
JOEL	2																		



Pare a leitura por aqui e veja a tabela dos **Reis e Profetas** no link abaixo:
<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/AF-Reis-e-Profetas.pdf>

O juízo daquelas gerações de Israel e Judá estava a caminho sem que soubessem. Antes da calamidade, Deus providenciou quatro décadas de intensa profecia, quando levantaram-se, durante o século VIII a.C., os profetas Jonas, Amós e Oseias em Israel (Norte), e Isaías e Miqueias em Judá (Sul). A grande assolação que se aproximava tinha a forma de um império em expansão: a Assíria.

CONTEXTO: O IMPÉRIO ASSÍRIO

O Império Assírio surgiu na região norte da Mesopotâmia, a partir especialmente da cidade de Assur – importante centro comercial e capital do império durante muitos séculos. Outra cidade famosa, Nínive, era um centro de culto a Ishtar que viria a ser transformada em capital pelo rei Senaqueribe depois de 705 a.C.

Os assírios tinham um rei absoluto e centralizador, amparado por uma aristocracia administrativa que compunha um conselho formado por ricos comerciantes. Não havia uma nobreza de terras, como em outros reinos; a corrupção era generalizada na negociação de cargos e benesses do imperador. A Assíria, desde cedo, deu-se à expansão territorial e ampliação da riqueza baseada na conquista. Seus exércitos eram poderosos, equipados com armas de ferro, torres de assalto e cavalaria ligeira. Os assírios copiaram a inovação dos hititas: o exército profissional permanente sempre em busca de novas pilhagens. Os vencidos eram extremamente brutalizados, utilizando uma “política de terror” baseada no exemplo cruel para os demais povos dominados ou que eventualmente viessem a entrar na mira dos assírios⁵. O auge da expansão se deu a partir do século VIII, mas encontrou seu rápido ocaso em 612 a.C., quando o império foi destruído por uma coligação de babilônios e medos.



Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre a **Assíria** no link abaixo:
<https://youtu.be/ft&FupjHxFY>

⁵ Era comum aos assírios o empalamento dos vencidos, esfolamento (arrancava-se a pele dos soldados e a esticava sobre as muralhas), empilhamento de cabeças, etc. O terror praticado com os que resistiam aos seus ataques era um exemplo que causava horror a todos os que viessem a querer combater contra a Assíria.

REIS DO NORTE (ISRAEL) NO SÉCULO VIII A.C.

13. Jeroboão II (2Re 14.23-29): mais importante rei de Israel, de grande prosperidade. Com um temporário declínio da Assíria, conseguiu expandir seu reino. A riqueza trouxe junto uma intensa injustiça social, fazendo com que se levantassem os profetas Amós e Oseias.

14. Zacarias (2Re 15.8-12): assassinado após seis meses de reinado.

15. Salum (2Re 15.10-15): assassinou Zacarias, mas foi morto em um mês.

16. Menaém (2Re 15.13-22): acabou se tornando tributário da Assíria.

17. Pecaías (2Re 15.22-26): assassinado no segundo ano de governo.

18. Peca (2Re 15.23-16.9): matou Pecaías. Em aliança com a Síria contra os assírios, tentou forçar Judá a fazer parte do levante. O rei Acaz (de Judá) pediu socorro aos assírios, que invadiram Israel. Peca foi assassinado.

19. Oseias (2Re 17.1-6): foi o último rei. Estava sob vassalagem da Assíria, mas tentou uma revolta com apoio do Egito. Foi destruído pelos assírios. No seu reinado, foi destruída Samaria e extinto o reino de Israel.

JONAS: A MISSÃO AOS GENTIOS

Foi diante da franca expansão do Império Assírio, seguindo progressivamente em direção à Canaã e aos reinos de Israel e Judá, que surgiu o profeta Jonas. Seu livro traz uma mensagem que o coloca próximo da palavra neotestamentária: a graça divina se estendia ao mais hostil inimigo que Israel jamais encontrara. Era a promessa de bênção a todos os povos da terra se cumprindo, incluindo o mais perverso deles.

O profeta Jonas foi enviado para pregar contra os pecados dos assírios em Nínive (Jn 1.1-3), mas ele relutou por um motivo constrangedor a um profeta: não desejava o arrependimento e consequente salvação para os inimigos do seu povo. Sua atitude foi coerente com seu perfil: ele auxiliava o rei Jeroboão II de Israel com a vidência nas batalhas contra os inimigos dos israelitas (2Re 14.25) e não desejava a preservação dos assírios.

O livro com seu nome é especialmente irônico para com o próprio profeta: demonstra como todos no seu caminho perceberam a ação e a mensagem de Deus, menos o próprio Jonas. Quando fugia para o sentido contrário de Nínive, Deus enviou a tempestade à qual os marinheiros pagãos⁶ reconheceram como ação do Senhor (Jn 1.10,16); depois, chegando em Nínive e pregando que a cidade seria destruída⁷, os terríveis ninivitas se arrepende-ram e ironicamente até mesmo os animais vestiram os panos do arrependimento (Jn 3.4,5,8). A mensagem do autor do livro foi clara: até os animais entenderam o que Deus queria – aviso de julgamento para produzir arrependimento e graça –, menos o profeta. Ao final, Deus se manifestou a Jonas e demonstrou, por meio da ilustração de uma planta que nasceu e morreu no mesmo dia, toda a incoerência do profeta (Jn 3.10 e 4.1-11): ele era capaz de ter misericórdia de uma folhagem, mas não de milhares de crianças de uma grande metrópole.

O que fica para nós desta obra monumental é que as ameaças de Deus contra os homens são sinais e avisos para o arrependimento do mal que se pratica. O objetivo é a conversão, não a vingança. Por isso, o livro de Jonas está a um passo do Novo Testamento: trata da salvação para todos os povos. Tanto que Jesus o usa como exemplo na sua própria pregação (Mt 12.38-41).



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

2 REIS	13	14								
JONAS	1	2	3	4						

6 Os marinheiros de Jope nada mais eram do que fenícios, os adoradores de Baal-Melkarth.

7 Note-se que ele prega a destruição, mas não a possibilidade de arrependimento...

AMÓS: CHAMADA PARA ENCONTRAR A DEUS E SER JULGADO

Amós profetizou aproximadamente no mesmo tempo de Jonas: o reinado de Jeroboão II, um período de muita expansão, riqueza e poder entre as elites de Israel. Tanto que o Norte chegou à extensão territorial semelhante à do tempo de Salomão. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que havia uma imensa prosperidade entre os ricos israelitas, reinava uma profunda injustiça social que oprimia os pobres e arrancava deles qualquer possibilidade de uma vida digna. É neste contexto que Deus levantou, não entre os israelitas, mas entre os judeus do Sul, o profeta Amós. Criador de gado e coletor de sicômoros⁸ de uma modesta vila de Judá, foi enviado a Israel para pregar contra os pecados de Israel – a ofensiva riqueza de uma nobreza que oprimia e arrancava tudo do povo sofrido por meio de todo tipo de recurso injusto (Am 4.1-3; 5.11-13 e 8.5-6). No meio desta palavra, o profeta ressaltou que a severidade de Deus para com eles era justamente porque haviam sido escolhidos dentre muitos, e sua posição era sem igual (Am 3.2). Por isso mesmo, por ter conhecido a Deus de perto e não agido de acordo com este privilégio, Amós dizia que Deus estava chamando os israelitas para o julgamento, e o resultado deste encontro seria o fim de Israel (Am 4.12).

Obviamente, sua pregação não foi bem vista entre os israelitas. Amós foi expulso de Israel pelo sacerdote de Betel que via na sua pregação uma conspiração contra o exitoso reinado de Jeroboão II (Am 7.10-13). De volta a Judá, Amós continuou registrando suas profecias, entre elas uma palavra muito interessante em que se revela que Deus não guiara somente Israel: Ele conduzira também filisteus e sírios à sua “terra prometida” (Am 9.7,11-12).

8 Sicômoro é uma espécie de figueira brava, nativa, que produzia figos de qualidade inferior e muito utilizado pelas classes baixas.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

AMÓS: LEITURA FUNDAMENTAL

2	4	5	9																
---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

OSEIAS: A ÚLTIMA CHAMADA DE UM CORAÇÃO PARTIDO

Pouco depois da frustrada tentativa de Amós em trazer palavra de arrependimento aos israelitas, surgiu entre o povo do Norte um dos mais importantes e emocionantes profetas do Antigo Testamento: Oseias. Possivelmente de origem nobre, foi o autor que melhor ilustrou o amor divino – com ele, pela primeira vez Israel foi descrito como esposa de Deus. Diante de uma realidade em que o culto e os sacrifícios eram oferecidos regularmente, mas no dia-a-dia imperava a injustiça, mentira e todo tipo de maldade, ele pediu coerência entre discurso, fé e atitude. Com Oseias, Deus demonstrou claramente como era Seu sentimento na relação com um povo infiel, e o exemplo do profeta foi literal: ele amou uma prostituta que o traía constantemente e à qual jamais abandonara (Os 1.2 e 3.1-2), o que certamente foi um escândalo para a alta sociedade israelita. Oseias era portador de uma profecia vivenciada e sentida na carne: ele sabia o que Deus sentia (Os 2.2-5). O livro cita os diversos pecados do povo, sempre mencionando-os com sofrimento e decepção (Os 4.1-3 e 5.4). Por isso, seu texto é composto de linhas escritas por um apaixonado de coração partido (Os 11.1-3). É do livro de Oseias a importante afirmação que encontrará eco nas mensagens de Jesus: *Deus quer misericórdia e não sacrifícios* (Os 6.4-6). Que importa um culto elaborado se a vida do crente não glorifica a Deus?

Infelizmente, a intensa e profunda pregação de Oseias não surtiu efeito entre os israelitas, apesar do aviso de que aquele que abandona a Deus encontrará somente a ruína (Os 13.9 e 14.9).

Esta ruína atingiu o reino do Norte, tragédia vista de perto pelo próprio profeta Oseias.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

OSEIAS

1

4

6

11

14

DEPORTAÇÃO DE ISRAEL E FORMAÇÃO DO POVO SAMARITANO

O arrependimento de Israel (Reino do Norte) não ocorreu, apesar dos avisos dos profetas Amós e Oseias, vindo então o julgamento divino. Os assírios invadiram o território e destruíram cidade após cidade até chegarem à capital Samaria que veio a cair no ano 722 a.C., após três anos de cerco. Muitos israelitas fugiram para Jerusalém, misturando-se a Judá; a maioria, entretanto, acabou sendo deportada pelo Império Assírio, onde perdeu sua identidade (2Re 17). Para habitar o território de Israel, os assírios trouxeram povos dos cinco distritos do império. Estes povos e os israelitas que permaneceram acabaram misturando-se e deram origem aos samaritanos, povo que viria a ser severamente discriminado pelos judeus.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

2 REIS

16

17

No Norte, os profetas Amós e Oseias anunciaram a iminência do julgamento divino e não foram ouvidos. No Sul, em Judá, os profetas Miqueias e Isaías viram a tragédia que acontecia aos irmãos de Israel e anunciavam que o mesmo julgamento estava chegando também a Jerusalém. Os judeus ouviriam?

JUDÁ E O JULGAMENTO DO SENHOR

A apostasia não resolvida no Norte – idolatria, injustiça social, mentira, competição desenfreada, corrupção, imoralidade e hipocrisia – levaram ao jultamento derradeiro e deportação de Israel. No Sul, a coisa não foi muito diferente. Se havia uma classe enriquecida se aproveitando da miséria no reinado de Jeroboão II em Israel, o mesmo acontecia no bom reinado de Uzias em Judá e nos governos de seus sucessores. Os avisos se estenderiam aos judeus da mesma maneira que foram dados aos israelitas.

REIS DO SUL (JUDÁ) NO SÉCULO VIII A.C.

10. Uzias ou Azarias (2Re 15.1-7; 2Cr 26.1-23): foi excelente administrador, levando Judá a grande prosperidade. Com a parada temporária na expansão assíria, conseguiu expandir o território. Foi reformador religioso. Ficou leproso quando se tornou orgulhoso e entrou no templo.

11. Jotão (2Re 15.32-38; 2Cr 27.1-9): tão correto quanto seu pai, Uzias, mas sem cair no orgulho. Foi co-regente boa parte de seu reinado.

12. Acaz (2Re 16.1-20; 2Cr 28.1-27): filho de Jotão, foi atacado pela coalizão Israel-Síria. Pediu auxílio ao rei da Assíria, que atacou o reino do Norte. Caiu na idolatria de forma extrema.

13. Ezequias (2Re 18.1-20.21; 2Cr 29.1-32.33): filho de Acaz, foi um dos grandes reformadores religiosos. Teve o profeta Isaías como conselheiro. Ezequias viu a queda de Samaria e a invasão de Judá, mas teve a cidade de Jerusalém preservada da destruição generalizada.

MIQUEIAS: INCOMPATIBILIDADE DIVINA COM SEU POVO

Miqueias foi um profeta com perfil bastante semelhante ao de Amós. Também era pregador do interior, um homem simples do campo que ficou assombrado com a maldade que via quando visitava Jerusalém. Por isso, pode-se dizer que a essência da pregação dele é que havia uma completa incompatibilidade de Deus com Seu povo.

As palavras de Miqueias foram de intensa ameaça contra a injustiça social que, a exemplo do reino de Israel, também tomara conta da sociedade judaica (Mq 3.1-4). Além da exploração da miséria, os profetas se vendiam para quem lhes oferecesse mais, e o governo era subornado pelos poderosos (Mq 3.5-12).

Entretanto, ao final de cada ameaça contra o procedimento de Judá, Miqueias vislumbrava a esperança que viria no fim dos dias da parte de Deus (Mq 4.1-7)⁹ quando o Ungido do Senhor se levantaria e traria um reino de paz. Miqueias era severamente crítico e anunciava o julgamento até com palavras grosseiras, mas anunciava que, apesar da corrupção da decadente dinastia de Davi, viria um novo e glorioso rei (Mq 5.2-3). Nisto ele se tornou muito semelhante a Isaías, afirmando outra vez a dualidade profética acima mencionada: Deus virá com julgamento severo, mas derramando a bênção na sequência. Era o julgamento da geração presente sem perder a perspectiva eterna da promessa.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

MIQUEIAS	3	4	6											
-----------------	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ISAÍAS: O TEÓLOGO DA PROMESSA

Isaías teve um longo ministério que se estendeu desde o tempo de prosperidade do rei Uzias até o início do trágico reinado de Manassés. Considerado por muitos como o maior profeta do Antigo Testamento, era membro da nobreza e primo do rei Uzias – daí sua intimidade com a diplomacia e profecias relacionadas a uma diversidade de povos.

⁹ Compare-se este texto com Is 2.4.

A pregação de Isaías seguiu também o princípio de julgamento contra o pecado como os demais profetas, aliado ao derramamento da graça após a ira. Seus olhos estavam fixos no futuro promissor que haveria a partir da manifestação do Ungido, o *Messias*. Por isso, é chamado de profeta messiânico. Em Isaías, o julgamento atingiria o povo que abandonou a aliança com Deus de tal maneira que o dizimaria, mas a esperança permanece porque haveria um resto miserável do qual nasceria um renovo (Is 4.2-6 e 6.13). A máxima significação deste princípio de renovação está na profecia do nascimento de um menino: o Emanuel (Is 7.14). Davi já havia recebido a promessa de um Rei Eterno, mas em Isaías os detalhes desta figura foram bastante ampliados. Com ele, o propósito de Deus abrangeria toda a terra, até mesmo o Egito – o inimigo do passado de Israel e Judá – e a Assíria – o terrível inimigo do presente de ambos, revelando que os pagãos seriam também adoradores do Senhor (Is 19.16-25).

Infelizmente, em meio a tantas promessas positivas de paz e prosperidade, havia uma triste constatação que redundaria em julgamento também: Israel e Judá eram servos no início, mas se tornaram cegos e surdos (Is 42.19). Por isso, Deus julgaria estes servos inúteis e faria restar um remanescente fiel do qual surgiria um verdadeiro servo, o “*Ebed Yhwh*” – o “Servo Sofredor do Senhor” – que serviria perfeitamente a Deus. Esta figura nova na profecia judaica era um mistério, pois Deus o enviaria para sofrer intensamente e ser desprezado pelos homens (Is 52.13 a 53.10)¹⁰.

10 Esta figura do Servo Sofredor – tão cara aos cristãos por ser a descrição dos sofrimentos expiatórios de Cristo – não foi ligada pelos judeus à figura gloriosa do Messias. Por isso, tanto os judeus quanto os discípulos de Cristo nos evangelhos ficavam escandalizados quando Jesus dizia que deveria sofrer e morrer, para então ressuscitar. Não se concebia (e muitos não concebem até hoje) que um Rei Glorioso seja sofredor e desprezado e que seu trono seja uma cruz.

Por fim, Isaías afirmou que a maldade seria julgada e a partir de então a salvação oferecida gratuitamente (Is 55). O profeta concluiu com uma visão gloriosa e terrível ao mesmo tempo: o julgamento final, com novos céus e nova terra, e o sofrimento eterno daqueles que rejeitarem a Deus (66.18-24).



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

ISAÍAS	1	4	6	11	19	43	53	55	58		
---------------	---	---	---	----	----	----	----	----	----	--	--

2 CRÔNICAS	26	27	28	29	32						
-------------------	----	----	----	----	----	--	--	--	--	--	--

Os profetas do século VIII viram-se diante de uma situação que não foi exclusiva de seu tempo: havia um culto hipócrita onde todos os rituais e simbologias eram rigorosamente observados, onde havia louvores entoados a Deus mas que não se refletiam na vida diária dos crentes, que não se transformava em ética no trabalho, busca da santidade e olhar de misericórdia para com o próximo. O verdadeiro culto ocorre na prática cotidiana; o momento do templo é apenas uma reunião de adoradores do dia-a-dia. Veja esta constatação e suas implicações em Miqueias 6.6-8, Amós 5.23-24, Oseias 6.4-6 e Isaías 1.10-20.

JUDÁ E OS ASSÍRIOS

Costumamos associar a invasão assíria somente ao Reino de Israel (do Norte), uma vez que eles foram deportados e tiveram seu ocaso pela invasão do império. A verdade é que o Reino de Judá também sofreu sérias consequências. Por volta de 701 a.C. (portanto, cerca de 20 anos depois da destruição de Samaria), Judá foi invadida e teve todas as suas fortalezas destruídas.

Era o cumprimento do aviso dado por meio de Isaías de que Deus deixaria apenas um resto de Seu povo. Sobrou apenas a capital Jerusalém que foi poupada por Deus no tempo do rei Ezequias (no episódio narrado em Isaías 36 e 37 e 2Crônicas 32).

Por causa da Assíria, o século VII a.C. foi um dos períodos mais críticos da história do povo de Deus: Israel (Norte) já havia caído, e Judá (Sul) não aprendera nada da lição, não se arrependendo de seus pecados. Em face desta caminhada contínua rumo ao desastre, Deus enviou profetas avisando do julgamento que se avizinhava. Mesmo assim, o plano maior da promessa continuava em andamento. Novamente, a ira andando junto com a misericórdia; o julgamento de mãos dadas com a graça.

REIS DO SUL (JUDÁ) NO SÉCULO VII A.C.

14. Manassés (2Re 21.1-18; 2Cr 33.1-20): filho de Ezequias, foi o pior dos idólatras. Promoveu todo tipo de culto, desde a feitiçaria e astrologia até os sacrifícios infantis (*molk*, ou Moloque). Acabou sendo atacado e preso pela Assíria, quando se arrependeu e teve o reino restaurado.

15. Amom (2Re 21.18-26; 2Cr 33.20-25): manteve todos os cultos idólatras, mas sem se arrepender. Foi assassinado pelos próprios servos.

16. Josias (2Re 21.24-23.30; 2Cr 34.1-35.27): filho de Amom, foi levado ao trono com apenas 8 anos. Foi o mais piedoso rei de Judá. Tentou acabar com a idolatria em todo o território. Morreu jovem em batalha.

17. Jeoacaz ou Salum (2Re 23.30-34; 2Cr 36.1-4, Jr 22.11): foi vassalo do Egito após a morte do pai. Foi deportado após 3 meses.

18. Jeoiaquim ou Eliaquim (2Re 23.35-24.7; 2Cr 36.5-8): era irmão de Jeoacaz e foi colocado no trono pelo faraó. De vassalo do Egito passou a vassalo da Babilônia em 605 a.C. (quando teve início o exílio babilônico).

19. Joaquim ou Jeconias (2Re 24.8-17; 2Cr 36.9-10): era filho de Jeoiaquim. Reinou apenas três meses, talvez durante o cerco de Jerusalém.

20. Zedequias ou Matanias (2Re 24.18-25.7; 2Cr 36.11-21): era tio de Joaquim; foi vassalo da Babilônia até que se rebelou e Judá foi destruída.

A PIOR APOSTASIA JAMAIS VISTA EM JUDÁ

A franca decadência de Judá rumo à destruição teve como um dos expoentes o rei Manassés, o pior de todos os reis de Judá. Filho do bom Ezequias, instalou os cultos praticados pelos assírios (possivelmente em função da aproximação e dependência do império), adorando os astros e colocando ídolos no templo. Além disso, reinstalou o Baalismo, queimou filhos em sacrifício¹¹ e matou os profetas que se levantaram contra ele. O povo judeu, que já não era muito fiel aos preceitos levíticos, perdeu todo o referencial de Deus naquele que foi o mais longo reinado de toda a dinastia davídica – 55 anos (2Cr 33.1-9). Segundo uma antiga tradição judaica, ele teria mandado matar Isaías, então idoso profeta.

Entretanto, mesmo com tamanha apostasia, houve espaço para o arrependimento. Manassés acabou levado preso para a Assíria, onde clamou a Deus e teve o reino restaurado (2Cr 33.11-13,16). Promoveu, a partir de então, uma tentativa de reforma religiosa. Depois de sua morte, seu filho Amom subiu ao trono e foi tão mau quanto o pai, mas sem o arrependimento, sendo assassinado em apenas dois anos de governo (2Cr 33.21-23).

CONTEXTO: O FIM DO IMPÉRIO ASSÍRIO

Durante as últimas três décadas do século VII, ocorreram grandes mudanças no plano político do Oriente Próximo. Diversas crises internas desestabilizaram o poder assírio após a morte de Assurbanipal (em 627 a.C.), o que gerou um sério problema sucessório. Ao mesmo tempo, ocorreram ataques constantes de tribos citas invadindo as fronteiras do norte do império.

11 O *molk*, como descrito acima no culto praticado pelo Baalismo.

Aproveitando as circunstâncias, os medos (de Ciaxares II) e babilônios (de Nabopolassar) se revoltaram e atacaram. Cidade após cidade assíria foi caindo ante os exércitos medos e babilônicos que se encontraram às portas de Assur, arrasando-a conjuntamente. Por fim, a capital Nínive foi assediada durante dois anos e finalmente destruída em 612 a.C.

Com isso, o poder ficou dividido entre algumas grandes novas potências: a Média dominando a Anatólia ao norte; a Babilônia controlando a Mesopotâmia; e o Egito dentro das suas fronteiras na África. Canaã estava no caminho destes gigantes, mas sem aquela sombra terrível que representava o devorador de reinos que era a Assíria. De certa forma, os judeus poderiam ver a queda do Império Assírio como a ação divina em favor do Seu povo. Esta percepção provavelmente influenciou na rejeição à pregação do profeta Jeremias que veremos adiante.



Pare a leitura por aqui e veja o mapa da **Disputa de Impérios** no link abaixo:
<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Disputa-Imperios.jpg>

NAUM: UMA VOLTA À MISSÃO AOS GENTIOS

Diante da ação devastadora dos assírios – utilizados por Deus para realizarem seu julgamento contra Israel¹² –, havia um anseio geral pela destruição daqueles que tantos povos torturara ao longo dos séculos. Este anseio aparece registrado no profeta Naum que apareceu em Judá como um complemento a Jonas: veio o julgamento aos assírios depois da chance de arrependimento.

12 Veja-se o que diz Isaías 10.5ss: Deus utiliza o braço perverso da Assíria para executar seus juízos, mas depois cobrará dela o mal que tiver executado.

A pregação de Naum foi direta: a hora do juízo chegou (Na 1.2-8). O profeta descreveu o fim daquele povo poeticamente, mas de maneira precisa (Na 2.4-7). Não havia cura para a maldade da Assíria e os povos bateram palmas diante do terror que caiu mercidamente sobre ela (Na 3.4,18-19).



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

NAUM	1	3												
------	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

2 CRÔNICAS	33													
------------	----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

O súbito fim do Império Assírio deu uma sensação de segurança a Judá. Diversos falsos profetas se levantaram dizendo que Deus os livrara e que estava ao lado do povo escolhido. Entretanto, Jeremias surgiu dizendo o contrário: os pecados dos judeus seriam castigados como foram os dos israelitas; era necessário o arrependimento para que o julgamento – desta vez vindo da Babilônia, não da Assíria – não caísse sobre eles. Em Jeremias, o antigo padrão se repetiria: o aviso do julgamento, o povo não aceitando se arrepender, o severo castigo e, ainda assim, a promessa de Deus renovada a partir de um restante que sobraria.

AS REFORMAS DO JOVEM REI JOSIAS

Nas últimas décadas da derrocada judaica, um último bom rei significou um suspiro de esperança na trágica trajetória judaica: o jovem rei Josias (2Cr 34-35). Ele começou a reinar com apenas 8 anos de idade após o mau e longo período de Manassés e Amom.

Aos 16 anos, Josias começou a buscar ao “Deus de Davi” e aos 20 anos iniciou as reformas religiosas: destruiu ídolos e tentou extirpar o Baalismo e demais religiões praticadas pelo povo de Judá. Aos 26 anos, durante a reforma do templo de Jerusalém, descobriu o “Livro da Lei” (2Cr 34.3-8,14-15) – provavelmente o Pentateuco, ou o Deuteronômio. A partir de então, promoveu uma grande renovação da aliança com o Senhor, mas de pouco resultado popular: o povo se manteve na idolatria. Reinou 31 anos e morreu jovem em batalha numa investida imprudente contra o exército egípcio.

Enquanto o rei Josias procurava uma reforma do governo em direção às camadas populares – talvez tendo como aliado o profeta Sofonias –, entre o povo pregava um profeta que sofria intensamente a maldade e apostasia de Judá: Jeremias.

SOFONIAS: O SEVERO DIA DO SENHOR

O profeta Sofonias – provavelmente um membro da nobreza, uma vez que se apresenta como trineto do rei Ezequias – trouxe uma palavra rápida mas com muito vigor: o julgamento divino seria severo e universal (Sf 1.2-3). O mundo inteiro está debaixo da ira contra o pecado. Em relação ao Seu povo, Deus decretou o castigo do qual resultaria apenas um resto humilde e miserável. Mas novamente aparece aqui a dualidade julgamento-graça: este resto desfrutaria da promessa de Deus (Sf 3.7-13).



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

SOFONIAS	3																		
-----------------	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

2 CRÔNICAS	34																		
-------------------	----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

JEREMIAS: A RENOVAÇÃO DA ALIANÇA

O profeta Jeremias era de Anatote¹³. Foi chamado por Deus muito jovem (Jr 1.4-10) para uma tarefa ingrata: ser a última palavra antes da perdição total. A derrocada era tão certa que o Senhor lhe ordenara a não formar família, evitando que esposa e filhos se tornassem adubo e alimento para as aves (Jr 16.2-4). Jeremias foi um profeta que sofreu intensamente pelo fato de pregar a necessidade do arrependimento sem jamais ver seus vaticínios sobre o julgamento acreditados (Jr 26.1-11). Possivelmente o profeta não tenha sido ouvido porque neste tempo a Babilônia era ainda um império em ascensão e não uma potência que ameaçasse Canaã – jamais os babilônios haviam chegado tão longe na sua expansão imperialista. Mas ele avisava: o castigo viria dos caldeus (Jr 25.8-9). Depois de anos pregando, os judeus não se converteram e viram Nabucodonosor marchar sobre Judá, destruir Jerusalém e dar início ao Cativeiro Babilônico.

Apesar do horror que estava por vir, a mensagem de Jeremias tinha uma visão de longo prazo extremamente positiva: Jerusalém ainda seria o trono de Deus – mas sem símbolos físicos e aberto a todos os povos (Jr 3.14-17). A Arca da Aliança e todos os apetrechos de apoio do culto (ordenados no Tabernáculo e reproduzidos no templo em Jerusalém) deixariam de existir. Assim devia ser, pois as instituições cerimoniais mosaicas tinham sido dadas com obsolescência embutida; eram apenas modelos da realidade eterna que não serviriam mais quando esta realidade se manifestasse na presença do Emanuel (Hb 8.1-12). Por isso mesmo, o povo da promessa era como o barro na mão do oleiro: Deus o moldava conforme quisesse (Jr 18.1-6).

13 Possivelmente Jeremias seja da família de Abiatar que fora exilado por Salomão do círculo sacerdotal de Jerusalém – o que o alinharia à oposição ao clero da capital.

Apesar de Deus destruir aquele vaso, a promessa de um Rei Eterno, filho de Davi, continuava valendo (Jr 23.5-6). Mais do que isso, o coração da mensagem de Jeremias é que o propósito divino desde o início seria trazer uma Nova Aliança gravada não em pedra, mas nos corações. Tratava-se de uma renovação da aliança, com novos aspectos: conhecimento universal de Deus, santuário eterno e posse universal do Espírito de Deus. Tudo isso aconteceria a partir do “Renovo”, assim como fora anunciado por Isaías (Jr 33.14-22). Reafirma-se, portanto, o derramamento da graça a longo prazo. Mas àquela geração restava o julgamento porque não se arrependera.

Depois da destruição, Jeremias compôs o livro de Lamentações, um canto fúnebre sobre Judá. Uma catarse de confissão que ele, infelizmente, cantou sozinho.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

JEREMIAS	1	7	22	23	31	33						
LAMENTAÇÕES	3											

CONTEXTO: O IMPÉRIO BABILÔNICO

A cidade de Babilônia, no sul da Mesopotâmia, sempre foi uma potência regional, embora por muitos anos fosse subordinada ao Império Assírio. Quando o babilônio Nabopolassar revoltou-se, passou a controlar toda a região às margens do Tigre e Eufrates. Entretanto, quem levou este império à sua maior expansão foi seu filho, Nabucodonosor II – este é o rei bastante mencionado no livro de Daniel. Nabucodonosor II levou o império ao auge em apenas uma geração: tornou Babilônia a maior metrópole e referência de suntuosidade até hoje.

Os babilônios controlavam desde o Mar Cáspio até as portas do Egito. Sua política para com os povos rebeldes era diferente da Assíria: deportavam somente a elite e deixavam o povo na terra, mas sem uma administração ou condições de desenvolvimento. Toda a riqueza que existia nas províncias era drenada para as grandes cidades mesopotâmicas, especialmente Babilônia. A terra dominada ficava desolada e os pobres abandonados à própria sorte. Foi o que aconteceu também com Judá.



Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre a **Babilônia** no link abaixo:
<https://youtu.be/AymRWj8kZSA>

QUEDA DE JERUSALÉM E DEPORTAÇÃO DOS JUDEUS

A chegada dos babilônios a Judá, a deportação e a destruição da cidade não ocorreram apenas em uma investida. Primeiramente, Nabucodonosor exigiu a submissão do reino e os pagamentos de tributos. Os ataques posteriores foram em função de revoltas dos judeus, o que levou à destruição definitiva tanto do reino quanto de Jerusalém. Estas são as datas e principais eventos do trágico final de Judá:

1. Em 605 a.C., no reinado de Jeoiaquim, Nabucodonosor II venceu Judá em batalha e levou cativa a descendência real – inclusive Daniel (2Cr 36:6-7, Dn 1:1-4). Mas deixou o governo como estava, apenas como tributário da Babilônia.

2. Em 597 a.C., o títere rei Jeoiaquim se revoltou e Jerusalém foi cercada pelos babilônios; o rei provavelmente morreu no cerco e seu filho Joaquim reinou 3 meses até a rendição. Os babilônicos saquearam o templo e levaram 10 mil cativos (2Re 24.14-16).

3. Em 586 a.C., o rei Zedequias, tio de Joaquim, que fora posto no trono pelos babilônios, acabou se rebelando com apoio do Egito. Nesta última revolta, Nabucodonosor foi implacável: destruiu completamente Jerusalém e o templo, levando 832 cativos e deixando apenas os pobres da terra (2Re 25.1-22, Jr 52.29).

4. Em 581 a.C., os babilônios levaram mais 745 cativos dentre pessoas que encontraram perambulando pelas ruínas de Jerusalém quando voltavam de uma batalha contra o Egito (Jr 52.30).



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

2 CRÔNICAS

36

HABACUQUE: OS JUSTOS VIVERÃO PELA FÉ

O trágico fim de Judá foi acompanhado de perto por um profeta que escreveu pouco mas deixou marcas profundas: Habacuque. Talvez ele fosse um levita e cantor do templo nos dias de Jeremias. Sofonias havia ressaltado que Deus deixaria um povo humilde e miserável; Habacuque, vendo o julgamento se abater, trouxe o tema palpitante da fé. A principal característica deste profeta é que ele não pregou para o povo, mas travou um debate com o Senhor. Por isso, Habacuque é chamado o “profeta-filósofo”, uma vez que olha para o mundo, não vê nele sentido e questiona os atos de Deus.

A primeira questão que ele trouxe foi uma pergunta que muitos de nós fazemos ao ver uma realidade cercada pela maldade: como Deus podia permitir o mal do seu próprio povo e aparentemente não fazer nada (Ha 1.2-4)? Deus respondeu sua pergunta dizendo que, sim, Ele traria o castigo: a Babilônia seria a vara da sua mão contra aquela geração ímpia (Ha 1.5-11).

A solução divina, entretanto, trouxe um problema ético para o profeta: como um povo mau e perverso pode ser castigado por outro ainda pior (Ha 1.12-17)? A segunda resposta de Deus foi que a Babilônia, embora utilizada por Deus para Seus propósitos, também teria o seu castigo no devido tempo (Ha 2.15-17).

Habacuque se viu no meio de um ciclo de punição da maldade que não podia controlar nem compreender, pois tanto o castigado quanto o castigador eram perversos. Então, ele se pergunta: mas e o justo? Como ele ficará quando o a terra for destruída ante o juízo divino? É possível que o profeta pensasse também em si mesmo, afinal sofreria junto com os demais. A ele, Deus deu uma resposta difícil: o justo viverá pela sua fidelidade (Ha 2.4). Mesmo que haja ruína ao seu redor, o justo permanecerá fiel a Deus, manterá a fidelidade ao seu pacto com o Senhor. É por isso que Habacuque, ao final do seu livro, compõe um hino no qual demonstra que deve permanecer firme quando toda a vida desmorona (Ha 3.16-19). A redenção era garantida, apesar dos horrores. Isso o alegrou. Embora pudesse vir a sofrer muito, em Deus estava sua única esperança.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

HABACUQUE	1	2	3						
------------------	---	---	---	--	--	--	--	--	--

Em uma perspectiva estritamente humana, a promessa divina de um Reino Eterno desandara completamente diante da derrocada de Judá e destruição de Jerusalém. Este era o sentimento geral dos judeus, razão de séculos depressivos que estavam por vir. Mas a pregação dos profetas caminhava no sentido exatamente contrário: o Reino de Deus triunfaria a despeito do fracasso trágico de Israel. O que estava em cumprimento, naquele momento, era a profecia do julgamento até que ficasse apenas o resto humilde. A árvore que Deus plantara estava sendo podada por Ele mesmo.

Exercícios de fixação

Tempo de Transição: Permissão à Monarquia

1. Por que aconteceu a divisão entre os reinos de Israel (tribos do norte) e Judá (parte do sul)?
2. Quais as características do reino do Norte, Israel?
3. A ação divina contra o pecado, um deles a idolatria, geralmente acontece por um viés duplo e por vezes aparentemente contraditório. Como isso acontece, exemplificado na ação de Elias e Eliseu?
4. Quais as características do reino do Sul, Judá?
5. Durante um período nefasto da história de Israel e Judá, quando o Baalismo entrou com força nos seus territórios, os profetas Obadias e Joel trouxeram um novo conceito na revelação bíblica: o “Dia do Senhor”. Do que se trata este dia?

6. Qual a principal mensagem do livro de Jonas?
7. Os dois últimos profetas do reino do Norte (Israel) foram Amós e Oseias. Amós trouxe avisos sérios contra a injustiça social que se instaurara entre os israelitas, e Oseias trata o povo pela primeira vez como a “esposa de Deus”, mas uma esposa adúltera e prostituta. Apesar da escandalosa pregação de ambos, não houve efeito de arrependimento. O que aconteceu com Israel depois deles?
8. O reino de Israel já fora julgado, e a destruição também se dirigia para o sul (Judá), onde os mesmos males se multiplicavam. Nesse contexto, apareceram os profetas Miqueias e Isaías, ambos trazendo uma palavra de julgamento acompanhado de graça. Haveria um futuro promissor que surgiria a partir da dizimação do povo. Como se manifestaria esta esperança, especialmente em Isaías?
9. Isaías afirma que Deus julgaria seus servos inúteis (Judá e Israel) e levantaria um verdadeiro servo, o “Ebed Yhwh”. O que aconteceria com este misterioso personagem?
10. Apesar das reformas religiosas do rei Josias, Judá permaneceu na apostasia. Que palavras trouxeram os profetas dos últimos anos do reino, Sofonias e Jeremias?
11. O povo de Judá não se arrependeu, e o castigo veio na forma da invasão da Babilônia que destruiu Jerusalém em 586 a.C. Como o profeta Habacuque encarou o que acontecia, vendo-se perdido no meio de ciclo de punição da maldade que via diante dele?

Respostas a partir da página 117.



O Exílio Judaico: o Reino da Promessa

O cativo durou cerca de 70 anos, de 605 até 538 a.C. Não se deve imaginar que na Babilônia ocorreu uma réplica da escravidão no Egito (quando os israelitas carregavam pedras debaixo do chicote); a ideia mais correta seria a de presos políticos sequestrados para trabalhar na administração. Os exilados eram membros da alta classe judaica, ou ao menos da classe educada: nobres, comerciantes, sábios, sacerdotes, escribas. Atuavam diretamente no governo dos babilônios, mas não tinham a liberdade de retornar para sua terra nem reorganizar o reino de Judá. Para o povo comum e sem atrativos para o império, o recurso foi buscar outros locais para sobreviver e recomeçar a vida – a maioria formou comunidades judaicas no Egito. Os que ficaram em Judá eram apenas os muito pobres e miseráveis que não tinham condições financeiras de recomeçar a vida em outro lugar.

O Exílio marcou o início da Diáspora Judaica, isto é, o espalhamento dos judeus pelo mundo, o que seria vital a longo prazo para a expansão do cristianismo. Podemos listar algumas consequências diretas do exílio:

1. O povo judeu foi preservado quando muitos outros desapareceram ao longo dos séculos.
2. Começaram a fazer uso do aramaico como língua principal.
3. Os princípios monoteístas foram fundamentados: *Yhwh* era Deus em qualquer lugar e não mais apenas na Judeia.
4. Sem um templo centralizador, adorar a Deus em qualquer lugar pode ter originado as sinagogas.
5. Os judeus deixaram de existir como Estado, mas continuaram como comunidade de fé que permanece até os dias de hoje.

O período do exílio na Babilônia foi importante pela presença de dois profetas: Daniel e Ezequiel, ambos profetizando muito longe de Jerusalém e de sua terra natal.

EZEQUIEL: O REINO DO BOM PASTOR

O profeta Ezequiel era um sacerdote que ministrava no templo (Ez 1.3). Conviveu com Daniel na Babilônia, para onde foi levado na segunda invasão. Pregava entre os exilados o mesmo que Jeremias anunciara alguns anos antes em Jerusalém: o exílio era castigo em consequência dos pecados de Judá. Como Oseias e Jeremias – o primeiro viveu a tragédia de um casamento infeliz e o segundo não pôde se casar –, Ezequiel também sofreu na carne o exemplo que Deus queria comunicar ao povo: a morte repentina de sua esposa (Ez 24.15-24). Isso foi um sinal sombrio para Judá, pois assim como o Senhor lhe tirava a companheira amada, tiraria dos judeus o templo que tanto estimavam. Pouco depois, ocorria a revolta em Jerusalém e a destruição da cidade (586 a.C.).

Ezequiel vivia um dilema: fora exilado e não tinha mais o templo para cultuar a Deus. Mas Deus se revelou na Babilônia – o profeta viu a glória do Senhor em pleno reino pagão (Ez 1.1-28).

Com isso, começou a mudar a perspectiva dos judeus: o Senhor não estava contido no templo, nem necessita dele: o próprio Deus seria o templo dos que têm fé (Ez 11.16-20). Ele pode ser adorado em qualquer lugar. Deus é Deus do mundo inteiro – por isso a constante menção da expressão “*e saberão que Eu sou o Senhor*” (como em Ez 25.7). Ao mesmo tempo, veio a revelação de que era o próprio Deus quem estava destruindo Judá – não uma obra do acaso que escapou do controle divino. Deus estava cortando aquela árvore e plantando um broto novo do qual cresceria uma grande cedro onde todas as aves do céu se protegeriam (Ez 17.22-24). Em Ezequiel, portanto, apresentou-se outra vez a promessa dada a Abraão: “*em ti serão benditas todas as famílias da terra*”. Outro avanço no detalhamento da promessa é que Deus levantaria um bom pastor, alguém que cuidaria do Seu rebanho, a figura de um rei benevolente (Ez 34.11-31). Além disso, a nova aliança anunciada por Jeremias seria baseada em um novo nascimento (Ez 36.25-35).

Ezequiel, um sacerdote acostumado com um culto localizado e um Deus restrito regionalmente, deparou-se com o Senhor do mundo interessado em todos os povos da terra.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

EZEQUIEL	1	18	28	33	34	37				
-----------------	---	----	----	----	----	----	--	--	--	--

DANIEL: O SUCESSO DO REINO PROMETIDO

O profeta Daniel foi levado juntamente com o primeiro grupo de cativos, em 605 a.C. Descendente da família real, talvez com 15 anos, destacou-se pela sabedoria. Foi administrador de uma província da Babilônia e depois da Pérsia (Dn 2.48, 6.28).

Daniel foi um exemplo de relação com o mundo: inabalável em suas convicções, mas leal ao seu rei, mesmo que idólatra (Dn 4.25,34-37). Seu livro descreve, além das relações dentro da administração babilônica, uma série de visões que ele também teve naquele reino pagão. Como José do Egito, tinha o dom de interpretação de visões, o qual utilizou para traduzir o que Deus anunciara ao imperador babilônico, Nabucodonosor II, a respeito dos reinos da terra: eles se erguem como uma estátua majestosa, mas acabarão destruídos pelo rudimento de uma pedra (Dn 2.31-45). Suas visões – tanto as próprias quanto as que interpretou de Nabucodonosor – revelam que o Reino de Deus prometido desde Davi seria a antítese dos reinos dos homens: não baseado em metais preciosos trabalhados pelo homem, mas de uma simples rocha solta “*não por mãos humanas*”.

Da mesma maneira, a visão que o próprio Daniel teve sobre o assunto apresentou os reinos dos homens como bestas emergindo do mar que seriam destruídas por um mediador com características tanto humanas quanto divinas – chamado “*Filho do Homem*” (Dn 7.2-14). Esta figura era nova na revelação veterotestamentária, e ao mesmo tempo enigmática: como pode um homem ser louvado e adorado como Deus no Seu trono?¹ A compreensão plena desta revelação somente seria alcançada no Novo Testamento.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

DANIEL	1	2	3	6	7				
---------------	---	---	---	---	---	--	--	--	--

1 Esta figura era cercada de tanto mistério que Cristo utilizou-se dela para denominar a si mesmo; embora evitasse o termo “*Messias*” para se definir, constantemente dava-se a conhecer como o “*Filho do Homem*” (Mt 8.20, 26.64).

Judá fora destruída, a exemplo do que ocorrera com Israel. Sua população não fora deportada pelo império, mas muitos dos judeus se espalharam pelo mundo numa diáspora que dura até os dias atuais. Como Deus daria prosseguimento ao Seu plano?

Exercícios de fixação

O Exílio Judaico: o Reino da Promessa

1. Quais foram as consequências diretas do exílio?
2. Qual a principal pregação do profeta exilado na Babilônia, Ezequiel?
3. Daniel é o outro profeta do exílio. Como ele descreve a antítese entre os reinos deste mundo e o reino de Deus?

Respostas a partir da página 119.



O Resto de Judá: o Triunfo da Promessa

O exílio durou aproximadamente 70 anos, a contar da data da primeira deportação (em 605 a.C.). Com a conquista da Babilônia pelos persas, os deportados foram repatriados por ocasião do edito do imperador Ciro II, permitindo o retorno dos judeus que assim o desejassem a Jerusalém. A partir de 539 a.C., portanto, Judá voltou a existir como parte de uma província persa.

CONTEXTO: O IMPÉRIO PERSA

O Império Persa – mais especificamente a Dinastia Aquemênida – surgiu quando os persas, parte do antigo Império da Média (que conquistara a Assíria juntamente com os babilônios), se rebelaram e tomaram o poder do já grandioso reino oriental. A partir de então, o novo imperador Ciro II partiu para maiores conquistas: em 539 a.C. anexou a Babilônia (ocasião em que os judeus ganharam permissão para voltar a Judá) e partiu em direção ao oriente, anexando reinos e terras até as portas da Índia. Seu filho Cambises II conquistou a Anatólia e o Egito, mas faleceu logo após conseguir dominar a terra dos faraós.

O terceiro imperador, depois de uma crise sucessória, foi Dario I, genro de Ciro, que invadiu a Grécia e travou as primeiras Guerras Médicas (foi derrotado na batalha de Maratona).

Os persas construíram um dos maiores impérios da história, totalizando um imenso território que ia do Egito até a Índia. Para governar tamanho reino, dividiram o império em satrapias (províncias) que tinham certa autonomia. Eram tolerantes com os vencidos, permitindo-lhes os cultos locais, administração própria e estados organizados, desde que subordinados ao imperador, pagando tributos regulares e fornecendo soldados para o exército. Por isso, a deportação não fazia parte da política persa de domínio – preferiam cooptar as elites locais dividindo com elas a pilhagem de suas populações.

Parte da tolerância talvez se deva à religião que predominou neste período aquemênida: o politeísmo original havia sido substituído pelo Zoroastrismo (ou Masdeísmo), uma crença que pregava a unicidade de todos os deuses e espíritos em *Abura Mazda*. De certa maneira, criam que todas as divindades seriam emanações de *Mazda*, origem de todo o mundo espiritual¹. Não havia estrutura sacerdotal, ídolos nem rituais ou templos a não ser o culto do fogo que seria o mediador da ordem cósmica. A existência terrena, por sua vez, seria o palco de uma luta entre a justiça e a mentira, dando início ao princípio do dualismo da permanente luta do bem contra o mal (que persiste até hoje em diversas doutrinas maniqueístas).

1 Daí o fato de Ciro II poder se apresentar aos judeus como “enviado de *Yabweh*” (Ed 1.2) e aos babilônios como “enviado de *Marduk*” para trazer libertação (como aparece registrado no Cilindro de Ciro, um documento arqueológico deixado por ele). Esta era a grande estratégia deste imperador que foi chamado “Ciro, o Grande”: sendo conquistador, apresentava-se como libertador, permitindo certa autonomia local. Note-se a artimanha que persiste até os nossos dias: esta é a origem da ideia de que “todos os caminhos levam a Deus”.

Cada fiel devia se posicionar ao lado da verdade contra a mentira até o dia em que *Abura Mazda* destruísse a maldade e desse início ao reino eterno de felicidade. É por isso que eram exigidos três atributos fundamentais do cavaleiro persa: montar bem o cavalo, atirar flecha com exímia pontaria e dizer sempre a verdade.

É dentro deste regime de tolerância – que não deixou de ser usado por Deus – que os judeus foram repatriados e ao qual passaram a viver com certa tranquilidade, submetidos ao jugo persa.



Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre a **Pérsia** no link abaixo:
<https://youtu.be/UaE4eMK2uag>

CRONOLOGIA: A REPATRIAÇÃO DOS JUDEUS

Costumamos nos confundir muito quando o assunto é a volta dos judeus do exílio. Não foi um grande êxodo de volta para a terra prometida. O que ocorreu foi o retorno de todos os judeus que, de alguma maneira, se deram mal nos negócios ou que tinham uma relação muito emocional com Judá. A maior parte do povo permaneceu nos locais para onde foram – como as diversas comunidades no Egito, na Babilônia e Império Persa adentro – na diáspora que continuou por séculos afora. O texto bíblico relata três importantes regressos que foram os seguintes:

1. Em 538 a.C., quando Zorobabel voltou da Babilônia com 50 mil pessoas (fato narrado em Esdras 1) para reconstruir Jerusalém, o templo e tentar retomar a vida social, religiosa e econômica na Judeia. As condições de sobrevivência permaneceram ainda muito ruins durante quase um século depois do retorno, com problemas diversos como ataques de inimigos, terra abandonada às feras, exploração da miséria do povo pelos mais ricos, etc.

2. *Em 457 a.C.*, quando o sacerdote Esdras veio de Babilônia para Jerusalém com 1754 homens a fim de promover uma reforma religiosa (fato narrado em Esdras 7 e 8)². Note-se que a grande autoridade religiosa judaica não vivia em Jerusalém, mas na Babilônia.

3. *Em 444 a.C.*, quando Neemias veio reconstruir as muralhas de Jerusalém (fato narrado em Neemias 2). Após quase um século de retomada da vida na Judeia, a sua capital nem sequer tinha muralhas, o que demonstra a precariedade que os judeus se encontravam durante todo aquele tempo. Neemias veio reorganizar administrativamente a província, além de lhe dar condições de defesa com a reconstrução da muralha de Jerusalém, ao mesmo tempo em que Esdras procurava o retorno do povo às Escrituras³.

A história bíblica nos mostra que a poda da árvore (profetizada por Isaías, depois confirmada em Ezequiel) continuava a todo vapor. Havia muita consternação pelas condições de vida do povo, mas não um profundo arrependimento que reconduzisse Judá ao caminho de ser “bênção a todos os povos da terra”. Não devemos nos enganar: mesmo com a apostasia, Deus cumpriria Seus propósitos.

2 Importante prestar atenção no seguinte: entre o final do capítulo 6 e o início capítulo 7 de Esdras transcorreram aproximadamente 80 anos. Esdras não conheceu nem de perto a Zorobabel e aos que haviam retornado no primeiro repatriamento que descreve nos capítulos 1 a 6. Do capítulo 7 em diante Esdras narra aquilo que presenciou pessoalmente.

3 Há alguma discussão sobre a cronologia de Esdras e de Neemias, podendo um ter sido um pouco antes do outro, dependendo do argumento utilizado. Mas não resta dúvida de que sejam contemporâneos.

ALARGANDO A PERCEPÇÃO: O PROPÓSITO DO TEMPLO

Trataremos aqui do primeiro retorno, ocorrido em 538 a.C. Zorobabel era um descendente de Davi que fora colocado como governante da Judeia pelo persa Ciro II (Ed 1.2,8). A situação era precária: Jerusalém em ruínas, os campos destruídos, miséria por toda parte. Zorobabel procurou primeiramente reconstruir o templo em Jerusalém, mas logo o povo desistiu da empreitada e foi cada um para o trabalho na sua casa e campo, fazendo com que as obras parassem durante 16 anos. Havia um problema teológico que resultava na falta de fé dos judeus: onde estava a ação de Deus? Como Ele permitia que Seu povo vivesse daquela maneira miserável? Era preciso alargar a percepção a respeito da promessa: eles estavam vivendo o tempo da árvore cortada, sinalizado pelos profetas. Lembremos de que Sofonias afirmara que Deus deixaria apenas um resto miserável na terra (Sf 3.12), ao qual nada restaria a não ser clamar ao Senhor.

Diante da situação de abandono da obra do templo e da observância da Lei, além da desesperança em relação ao futuro, levantaram-se os profetas Ageu e Zacarias (Ed 5.1-2).



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

ESDRAS	1	3	6							
---------------	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--



Pare a leitura por aqui e veja o mapa de **Judá Pós Cativo** no link abaixo:

<https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Juda-pos-Cativo.jpg>

AGEU E ZACARIAS: O HERÓI CONQUISTADOR DE DEUS

Ageu provavelmente foi um profeta muito idoso que vira a glória do primeiro templo, uma vez que convidou os mais velhos a relembrem o passado (Ag 2.3). Sua posição era bastante pragmática: era necessário retomar as obras e concluir a reconstrução. Sua garantia é que o segundo templo teria uma glória muito maior do que o de Salomão (Ag 2.9)⁴; por isso, havia uma missão para aquela geração que era construir as bases do futuro – embora o prédio em si também fosse passageiro e provisório.

Juntamente com Ageu profetizava Zacarias, de quem especula-se ter tido entre 16 e 20 anos na época. O idoso era pragmático; o jovem, visionário. Zacarias proclamou uma chamada ao arrependimento muito intensa (Zc 1.1-6). Ao mesmo tempo, tinha o olhar voltado para a promessa de Deus que se cumpriria por meio de um “rebento”, como em Isaías (Zc 3.8-10), um homem que reinaria como sacerdote e rei ao mesmo tempo (Zc 6.12-13), promovendo a paz entre o templo, a profecia e a monarquia que estavam rompidos desde que Israel pedira um rei no lugar do governo divino. Este rei seria meigo, assim como vitorioso (Zc 8.20-23 e 9.9-10), e ao mesmo tempo um pastor mártir (Zc 13.7-9). A profecia de Zacarias acabou juntando elementos aparentemente contraditórios como o rei glorioso prometido a Davi e o servo sofredor anunciado por Isaías. Além disso, a profecia de Zacarias bagunça completamente a ideia humana de tempo e sequencialidade ao afirmar que este rei-pastor-mártir voltaria para cumprir suas promessas em um único dia, o Dia do Senhor.

4 Por que a glória maior que o primeiro? Acreditamos que seja não por causa da riqueza e grandiosidade física tanto elogiada por todos no templo de Herodes (da época de Cristo), mas porque naquele templo se veria o cumprimento da promessa de todas as profecias do Antigo Testamento: a presença do próprio Messias, o Emanuel – Deus Conosco.

Note-se que naquele único dia seria ao mesmo tempo inverno, verão, dia, noite, de julgamento e também de derramamento da graça (Zc 14.5-9)⁵.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

AGEU	2																		
------	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ZACARIAS	1	8	14																
----------	---	---	----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ESTER, PRESERVAÇÃO DO POVO DA PROMESSA

A história de Ester talvez tenha acontecido entre a reconstrução do templo por Zorobabel e a das muralhas de Jerusalém por Neemias. Segundo o relato bíblico, ela tornou-se esposa de Assuero (talvez Xerxes I)⁶. O livro de Ester relata como o povo judeu foi livrado do extermínio por ocasião de uma conspiração da parte de um opositor. O grande herói não foi tanto a própria rainha Ester, mas seu tio, Mordecai (ou Mardoqueu), homem de intensa integridade e dedicação ao seu povo que a orientou em todo o processo de salvação da linhagem judaica. O livramento dos judeus em todo o Império Persa é comemorado até hoje pelos judeus na festa do Purim (Et 9.20-25).

5 Acreditamos que esta profecia trata da cruz de Cristo, julgamento do mundo e do pecado, ao mesmo tempo que derrama graça ao que nela coloca sua fé. Foi um dia que começou quando Jesus bradou “está consumado” e se concluirá quando Ele voltar em glória para reclamar o fim da história e a vitória do Reino Eterno.

6 Xerxes I foi um dos mais ilustres reis persas, envolvido nas Guerras Médicas contra os gregos nas batalhas das Termópilas e de Salamina. O livro de Ester possui muitas dificuldades, como a difícil identificação de Assuero, além da ausência de documentos extrabíblicos na farta arqueologia do império Aquemênida. Outra curiosidade do livro é a ausência da menção a Deus no livro, aparecendo apenas na oração de Mordecai que foi acrescentada na parte apócrifa por algum judeu muito devoto e zeloso.

Ester foi no Império Persa o mesmo que José fora no Egípcio e Daniel no Babilônico: uma referência entre os poderosos nos mostrando como é possível viver em meio à lama sem nos contaminarmos, ao mesmo tempo que servimos ao Reino de Deus e suas implicações eternas.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

ESTER	2	3	4	9						
--------------	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--

Passados cerca de 80 anos do retorno do exílio, Esdras voltou da Babilônia – onde estavam os grandes pensadores judeus – para promover uma reforma religiosa na Judeia. Cerca de 13 anos depois, foi a vez de Neemias vir de Susã, uma das capitais do Império Persa, para reorganizar administrativamente Jerusalém e tornar a cidade novamente uma referência regional. A posição do livro de Esdras no cânon bíblico geralmente confunde o leitor, levando-o a imaginar que trata-se de um personagem bem mais antigo na história de Judá. Cuidado: Esdras é um sacerdote que viveu os últimos anos da revelação do Antigo Testamento, contemporâneo de Neemias e do profeta Malaquias. A ele foi reservada a última mensagem antes que cessasse a longa linhagem profética da promessa.

ESDRAS, O SEGUNDO FUNDADOR DE JUDÁ

Esdras foi tão grande reformador e tão importante personagem da história bíblica que foi chamado de “segundo fundador” de Judá – menor apenas do que Moisés. Foi ativo na liderança em Jerusalém no tempo de Neemias (Ne 8.1,2,18). Sua atuação convocou um arrependimento nacional (Ed 9.1-4), especialmente no quesito de que Judá devia colocar-se como um povo santo e separado para Deus, evitando a mistura com o paganismo e os males de suas religiões. O centro da mensagem de Esdras era que a lei deveria ser praticada no cotidiano e não restrita apenas aos rituais do sacrifício – ela não era algo para ser vivida com frouxidão. Seus preceitos serviram de inspiração para os *hassidim* (judeus piedosos) do século III e II a.C. que se diziam seus herdeiros⁷, bem como aos fariseus do tempo de Cristo.

Acredita-se que Esdras tenha organizado os Salmos. Escreveu 1 e 2 Crônicas para lembrar o povo da importância da fidelidade a Deus, demonstrando que a situação em que viviam era a consequência do pecado dos reis e do povo e que era necessário o arrependimento e retorno aos preceitos divinos que guiavam a Davi. Escreveu ainda o testemunho da reconstrução de Judá no livro que leva seu nome.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

ESDRAS	8	9																	
--------	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

⁷ Os *hassidim* pegaram em armas juntamente com os macabeus – uma família de sacerdotes – quando da tentativa do Império Selúcida de impor a religião grega na Palestina em meados do século II a.C.

NEEMIAS, GOVERNADOR E CONSTRUTOR

Cerca de 13 anos depois de Esdras, Neemias voltou pra Jerusalém como governador civil. O objetivo era reconstruir o muro e reestruturar o governo. Neemias foi homem de oração, patriotismo, ação, coragem e perseverança. Enfrentou os inimigos que se opuseram com fé e muita habilidade estratégica; trabalhou dia e noite e terminou a obra da muralha em apenas 52 dias (Ne 4.15-23 e 6.15), o que o tornou exemplo de persistência e organização até hoje. Além disso, posicionou-se contra a opressão social e escravidão por dívidas que assolavam os pobres da terra (Ne 5.1-12).

Com sua administração, Jerusalém voltou a ser uma cidade forte 142 anos depois de sua destruição. Fica a percepção de que os juízos de Deus não são somente vindicadores; eles são restauradores e sempre ancorados na graça e perspectiva de um plano eterno em andamento. Jerusalém ainda existiria e veria o *Filho do Homem* humilde, montado em uma jumenta.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

NEEMIAS	1	2	4	5									
---------	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

MALAQUIAS: O MENSAGEIRO DA PARTE DE DEUS

Malaquias foi o último profeta do Antigo Testamento. Iniciou sua profecia demonstrando que Deus é grande no mundo inteiro (Ml 1.1-5), o que aumenta a culpa de Judá por seu comportamento. Apesar das reformas promovidas por Esdras e da reestruturação administrativa e econômica trazida a cabo por Neemias, o povo continuava vivendo relaxadamente e sem temor de Deus (Ml 1.11-14).

Dentro deste destemor, as ofertas eram dadas a partir das sobras, o culto era feito de qualquer maneira, divórcios eram concedidos facilmente enquanto o povo se perguntava: onde está o juízo de Deus? Ao mesmo tempo, clamavam pela vinda do Messias que iria, segundo imaginavam, levá-los novamente à glória dos tempos antigos. Mas a resposta de Malaquias era de que Ele viria, sim, mas para julgar e não para trazer glória (Ml 2.17). O Senhor que buscavam viria, mas sua santidade os consumiria (Ml 3.1-5). Justamente porque ele seria um fogo consumidor cuja santidade de tudo expulsa, era necessário enviar antes um mensageiro que prepararia Seu caminho com arrependimento (Ml 4.5-6). Este mensageiro falaria com a força e o impacto de Elias a respeito do julgamento que estava por vir.



Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos ao lado.

MALAQUIAS

1

3

4

Assim termina a revelação da promessa de Deus: da mesma maneira como Deus prometia um novo Davi, também haveria um novo Elias, uma voz que clama no deserto. A próxima manifestação profética se daria apenas 400 anos depois, no Novo Testamento, com aquele que traria a palavra “arrependei-vos pois está próximo o Reino de Deus”: João Batista.

Exercícios de fixação

O Resto de Judá: o Triunfo da Promessa

1. A repatriação dos judeus se deu quase 70 anos depois da primeira leva para a Babilônia. Quando retornaram, começaram a reconstruir o templo sob estímulo dos profetas Ageu e Zacarias. O que eles anunciaram?
2. Que papel tiveram Esdras e Neemias na reconstrução de Judá tanto como um retorno às escrituras quanto como unidade administrativa?
3. O último profeta de Judá e do Antigo Testamento é Malaquias. Qual a essência da sua mensagem?

Respostas a partir da página 119.



Conclusão: a Promessa de Deus

Esta visão panorâmica do Antigo Testamento procurou compreender a revelação por meio do eixo da promessa como uma resposta divina ao problema da queda do homem. Este caiu e viu-se separado irremediavelmente de Deus, comprometendo toda a criação. Entretanto, pela graça de Deus, ali começou um longo plano que traria a solução: o descendente (ou a descendência) da mulher esmagaria a cabeça da serpente.

Milênios depois, Deus chamou Abraão e lhe prometeu que faria dele uma grande nação e que por meio dele todos os povos da terra seriam abençoados. Era o modesto início de um plano de longuíssimo alcance. Quando a família estava construída e se tornara o embrião de um povo – 70 pessoas vivendo sobre a terra que Deus prometera dar aos patriarcas –, o Senhor conduziu a todos para o Egito, onde de fato se multiplicaram. A espetacular saída do Egito foi a primeira e grande história de salvação de Deus para com a humanidade, momento em que chamou Israel para ser uma nação de sacerdotes e luz para todos os povos.

Para ensinar os israelitas a andarem corretamente com um Deus santo que se acampa entre os Seus, Ele deu-lhes uma lei que continha diversos preceitos ritualísticos que nada mais eram do que símbolo e profecia de uma realidade eterna que um dia viria a se manifestar entre os homens. O próprio Moisés era uma profecia vivida de um novo profeta que um dia Deus enviaria a este mundo.

Estabelecido um povo organizado com uma lei que lhe ensinaria a andar com Deus – baseada no arrependimento e conversão sempre que caísse –, o Senhor os conduziu para a terra prometida. Nesta terra, após viver alguns séculos na liberdade das estruturas humanas de governo, o povo acabou pedindo a Deus um rei. Deus lhes permitiu. Assim nasceu a monarquia israelita, tendo em Davi um expoente que jamais foi igualado. A este homem que era marcado pelo arrependimento e contrição diante do próprio pecado, Deus prometeu que daria um descendente e este descendente seria o rei de um Reino Eterno.

Como previsto, a linhagem humana de Davi fracassou terrivelmente. Logo após Salomão, o reino dividiu-se em dois, Judá e Israel, e ambos caminharam para a apostasia. Então entrou em cena aquilo que já fora anunciado desde o Êxodo: se os israelitas andassem nos caminhos de Deus, viria a bênção; do contrário, a maldição. Espantosamente, embora o povo escolhido se desviasse, Deus jamais deixou de mirar a promessa que fizera a longo prazo: trazer a solução para o problema da queda do homem. Embora o reino físico de Israel fosse um completo fracasso, o Reino Eterno continuava uma realidade nos planos divinos. Daí a dualidade das palavras proféticas, sempre anunciando um julgamento terrível, mas ao mesmo tempo com uma promessa de restauração e felicidade eterna vinda de Deus.

Progressivamente, os profetas foram trazendo à luz toda a amplitude da promessa de Deus: Obadias e Joel apresentaram um Dia do Senhor, dia de calamidade e salvação. Amós e Oseias falaram com severidade contra Israel, a respeito do culto falso que se prestava, enquanto Miqueias e Isaías diziam o mesmo para Judá – com eles surgiu a revelação de que Deus julgaria e deixaria apenas um resto do Seu povo. Isaías, imbuído da ideia de um Messias que viria, trouxe uma revelação constrangedora: haveria um servo sofredor, odiado por todos e ferido por Deus. Jonas e Naum mostraram que o julgamento não era apenas para o povo escolhido, mas também aos gentios, revelação confirmada por Sofonias.

O reino do Norte, Israel, já fora destruído. O do Sul, Judá, estava a caminho. Jeremias foi um profeta importantíssimo na progressão da revelação: nele, ficamos sabendo que os símbolos da lei seriam suprimidos quando Deus se manifestasse, momento em que a aliança seria renovada e baseada numa lei gravada no coração. Habacuque, no meio da tragédia da derrocada de Judá, mostrou que ao justo cabe permanecer fiel a Deus. Ezequiel, já no exílio, trouxe a visão de Deus governando todos os povos da terra e uma árvore replantada pelo Senhor para abrigar as aves do mundo inteiro. Daniel, por sua vez, viu um Filho do Homem que, apesar de humano, teria consigo a glória divina, derrotando todos os reinos dos homens.

A restauração dos judeus à sua terra não representou um retorno à glória, mas sim a uma vida miserável, cumprimento da profecia do resto que Deus deixaria. A poda continuava. No meio disso, Ageu falou da importância de reconstruir o templo (pois ele teria ainda um propósito), enquanto Zacarias via o Messias de Deus como um rei-sacerdote vitorioso que traria a paz.

Finalmente, apesar das profícuas atuações de Esdras e Neemias na restauração de Judá, a situação era dramática. Onde estava a promessa de Deus? Ele mesmo responderia por meio de Malaquias: Deus viria, mas para julgar. Enviaria antes do Messias um mensageiro para pregar arrependimento, a fim de que o povo se converta e encontre graça e salvação.

Assim concluímos o Antigo Testamento com um grande quebra-cabeças: haveria um rei ungido? Ou um servo sofredor? Um rei, pastor e sacerdote bondoso? Como pode ele ser divino e humano ao mesmo tempo? Como juntar características aparentemente tão contraditórias?

Não eram “promessas de Deus”, mas uma única promessa: um homem. Ainda tínhamos que aguardar 400 anos até que Ele se manifestasse – Aquele no qual são unificados todos os elementos deste vasto panorama que o Antigo Testamento nos apresenta: Jesus Cristo, o Emanuel (Deus Conosco), Aquele que o apóstolo João tão bem apresenta como o Verbo de Deus.

Exercícios de fixação

Respostas

Prelúdio da história da salvação

1. Qual foi o “pecado original”, ou seja, o motivo da queda do homem?

Resposta: O homem relativizou a ordem divina de que comer da árvore do conhecimento do bem e do mal era proibido – que comer o fruto era o “mal”, portanto. Desobedecendo, o homem reivindicou autonomia moral, tendo a prerrogativa divina de dizer o que é o certo ou o errado, fazendo-se deus de si mesmo.

2. Qual foi a consequência da queda?

Resposta: O homem rompeu com o Criador e foi amaldiçoado com a morte.

3. Como Deus respondeu ao problema da queda do homem?

Resposta: Deus respondeu com uma promessa dada a Eva de que a descendência (ou o descendente) dela esmagaria a cabeça da serpente. Assim, traria uma solução do problema da separação de Deus que Satanás provocou.

4. Houve ainda duas outras crises relatadas nos primeiros capítulos do Gênesis que revelam a condição caída da humanidade. Quais foram?

Resposta: O Dilúvio, do qual apenas Noé e sua família (com muitos animais) se salvaram, e a construção da torre de Babel que provocou o espalhamento do homem pela confusão das línguas.

A Era Patriarcal: Provisões da Promessa

1. Os mesopotâmios acreditavam em um “arquétipo primordial” criado pelos deuses que definia o retorno constante do mundo a esse princípio original. Como Abraão se relacionou com este princípio quando chamado por Deus?

Resposta: Abraão foi chamado a abandonar as certezas de sua terra para ir rumo ao desconhecido, “sair da terra e ir para uma terra que ainda seria mostrada”. Foi um passo de fé, a segurança na promessa de Deus, mas sem saber como se daria o cumprimento. Assim, o ciclo de repetição se rompeu e o futuro se mostrou aberto.

2. Quando Abraão foi chamado, ele recebeu uma tríplice promessa de Deus (em Gn 12.1-3). Quais foram essas promessas?

Resposta: 1) Farei de ti uma grande nação; 2) Te abençoarei e tu serás uma bênção; 3) Em ti serão benditas todas as famílias da terra.

3. Em quais textos Isaque e Jacó também receberam as mesmas promessas de bênção a todos os povos?

Resposta: Em Gn 26.3-4 para Isaque, e em Gn 28.13-14 para Jacó.

4. O que havia por trás da história de José que incluía uma salvação universal de longo prazo?

Resposta: Por meio de José, Deus livrou o Egito da fome, livrou José de suas aflições, sua família da morte e, principalmente, a promessa de que daquela descendência Deus abençoaria o mundo inteiro.

A Era Mosaica: o Povo da Promessa

1. O povo de Israel cresceu dentro das fronteiras do Egito, onde terminou escravizado. Para libertar Seu povo, Deus chamou Moisés. Em que momento este estava pronto para realizar tão difícil missão?

Resposta: Moisés cresceu no Egito, criado como um príncipe, acreditando no seu próprio potencial. Mas Deus frustrou seu pensamento orgulhoso e o deixou durante 40 anos vagando pelo deserto. Somente quando já estava pronto para morrer, completamente fracassado, que Deus o chamou falando através de uma sarça ardente.

2. Após a saída do Egito, Israel permaneceu acampado em frente ao monte Sinai durante cerca de 2 anos. O que foi feito neste período?

Resposta: Foi organizada a nação, de certa maneira. Ali, Moisés recebeu a Lei, foi construído o tabernáculo, instituído o sacerdócio e organizado o acampamento conforme as tribos.

3. Israel já estava frente à terra prometida após pouco mais de 2 anos depois do Êxodo. Mas ainda teve que esperar quase 40 anos para tomar posse dela. Por que isso aconteceu?

Resposta: Os israelitas enviaram espias antes de entrar no território, cujo retorno apresentou a dificuldade da invasão pela maioria deles. Por causa da rebelião do povo, Deus não permitiu que aquela geração entrasse em Canaã (exceto Josué e Calebe que deram o voto positivo de confiança em Deus).

4. Para que os israelitas foram chamados por Deus para ser Seu povo de propriedade exclusiva?

Resposta: Foram chamados para fazer uma aliança com Deus por meio da qual seriam feitos sacerdotes para todas as nações.

5. Qual o sentido simbólico e profético da construção do tabernáculo?

Resposta: Sendo uma tenda desmontável, o Tabernáculo demonstra a intenção de Deus de “tabernacular”, ou seja, de habitar entre o seu povo sem um local fixo de adoração. Tinha um caráter transitório, criado para aquele momento da revelação divina, simbolizando o futuro quando Deus estaria permanentemente com os crentes por meio do Espírito Santo.

6. O que representavam os sacerdotes e levitas na estrutura religiosa criada?

Resposta: O povo de Israel seria sacerdote do mundo. Na representação simbólica disso, o filho mais velho de cada família era dedicado a Deus. Mas, para facilitar a logística, foi separada uma tribo – a de Levi – para ficar permanentemente no trabalho de culto na função de sacerdotes e levitas.

A Era dos Libertadores: a Terra da Promessa

1. Por que Deus mandou exterminar todas as comunidades que viviam em Canaã?

Resposta: Deus é santo, e isso implica na cobrança da justiça. Ao longo de séculos, foi praticado um culto em Canaã com o sacrifício sangrento de crianças, inclusive recém-nascidos (o “molk”), ao deus Baal. Além deste, havia o culto de sua consorte Astorete, cujos rituais de fertilidade da terra envolviam práticas de prostituição. Quando os pecados cananeus chegaram à “medida da iniquidade”, ou seja, no seu ponto máximo, Deus julgou e condenou aqueles povos, enviando o castigo por meio da invasão israelita.

2. A entrada de Israel em Canaã representou uma invasão completa, com o total extermínio dos cananeus?

Resposta: Não. Os israelitas conquistaram diversos pontos estratégicos na terra prometida no tempo de Josué. Depois de estabelecidas as tribos, cada uma deveria terminar ao longo dos anos a conquista. Só que esta parte final foi ignorada por todas as tribos de Israel.

3. Como pode ser descrito o “sistema de juízes” vivido pelos israelitas no período pré-monárquico?

Resposta: Na realidade, juízes era uma “ausência de sistema”, uma vez que as tribos funcionavam como clãs baseados em laços familiares. Não havia instituição que obrigasse cada indivíduo a seguir as leis, bem como estado organizado. Conforme surgia a necessidade de defesa, as tribos se uniam ou lutavam separadamente contra inimigos ocasionais.

4. Havia um ciclo descrito em Juízes que se configurava na sequência “apostasia – punição – arrependimento do povo – Deus provém um libertador – descanso” que sempre voltava ao início e se repetia. Que maneira de Deus agir este ciclo demonstra?

Resposta: Deus gosta de agir como o salvador de um povo que cai. Sabendo que não seria possível ao homem cumprir a lei e prevendo a sua frequente queda, Deus colocou o princípio da conversão como o caminho para o relacionamento com Ele. Não é possível ao homem ser perfeito; mas é exigido dele que se arrependa toda vez que pecar. Então Deus perdoa, liberta e salva.

Tempo de Transição: Permissão à Monarquia

1. Que povo chegava a Canaã mais ou menos na mesma época que os israelitas, e que se estabeleceu em 5 cidades na costa?

Resposta: Os filisteus, um dos grupos migratórios oriundos da onda de invasões do Mar Egeu chamados na história de “Povos do Mar” e que foram expulsos quando tentaram invadir o Egito. Dali, foram para a costa mediterrânea na parte sul de Canaã, já que o norte era ocupado pelos poderosos fenícios.

2. Quais fatores levaram os israelitas a pedirem um rei a Samuel?

Resposta: A crise no sacerdócio, o envelhecimento de Samuel, a corrupção de seus sucessores e a ameaça dos vizinhos filisteus.

3. Por que Deus se demonstra desgostoso com relação ao pedido de um rei?

Resposta: Porque a decisão por um estado organizado – ou seja, pedir um rei – por parte dos israelitas era uma atitude de idolatria, equivalendo a dizer que um homem visível governaria melhor o povo do que o Deus invisível.

A Era Monárquica: o Rei da Promessa

1. A monarquia foi instaurada em Israel e teve um péssimo reinado com Saul, sendo que o reino se dividiu após sua morte, ficando Israel com seu filho Is-Baal e a tribo de Judá com Davi. Depois da morte do primeiro, Davi passou a reinar sobre todo o povo novamente reunido. Foi neste momento que Deus lhe deu uma promessa, uma nova e importante etapa da revelação divina. Que promessa foi essa?

Resposta: Deus prometeu que faria uma casa (uma linhagem) a partir de Davi da qual procederia um rei que manteria um reino eterno. Os descendentes humanos seriam castigados se pecassem, mas a promessa de bênção e reino a todos os povos jamais se apartariam da descendência de Davi. Nascia ali a primeira profecia a respeito de um Messias.

2. A monarquia unificada de Israel durou apenas duas gerações: a de Davi e de Salomão. O que aconteceu para que as tribos se divissem?

Resposta: Foi um castigo da parte de Deus contra a idolatria na qual Salomão caíra. Seduzido pelas riquezas e prosperidade advindas de suas alianças comerciais, o rei sofreu o castigo prometido por Deus caso caísse em apostasia.

A Era Sapiencial: a Vida na Promessa

1. Como a literatura sapiencial (a poesia hebraica) trabalha as questões da vida relacionado ao sagrado e ao secular?

Resposta: Na sabedoria da poesia hebraica, o “temor do Senhor” trabalha todos os aspectos da vida, não separando o secular e o sagrado, fazendo com que fé e conhecimento andem juntos na construção da vida.

2. O livro de Jó nos demonstra que a vida não pode ser simplesmente encarada da perspectiva de causa-efeito, ou seja, se eu fizer isso, me acontecerá aquilo. O que significa relacionar-se com Deus segundo a experiência de Jó?

Resposta: Relacionar-se com Deus é entrar na dimensão da fé, um salto no desconhecido, e do mistério, no qual Deus é soberano e não pode ser enquadrado nos nossos esquemas. Nós devemos viver em fidelidade a Deus, numa confiança construída com honestidade.

Os reinos de Israel e Judá: desdobramentos da Promessa

1. Por que aconteceu a divisão entre os reinos de Israel (tribos do norte) e Judá (parte do sul)?

Resposta: Há duas explicações: a teológica e natural. Na teológica, Deus dividiu o reino por causa da idolatria de Salomão. Na natural, as diversas obras de Salomão produziram injustiça social, alta tributação e escravização do povo. Com a intransigência de seu filho Roboão, a tensão política estourou e as tribos se dividiram.

2. Quais as características do reino do Norte, Israel?

Resposta: O reino de Israel foi marcado pela instabilidade política sujeita a constantes trocas de dinastias no poder. Além disso, Jeroboão promoveu uma ruptura religiosa ao criar um culto sincrético que mantinha o culto a Yahweh, mas misturado a práticas cananeias e desvios do culto levítico ordenado a Moisés. O objetivo: tirar o foco de Jerusalém, então capital de outro reino, e transferir o centro religioso para Betel, importante local da memória de fé do povo (relacionado a Jacó) e situada dentro do território israelita. Em outras palavras: Jeroboão utilizou as coisas de Deus e de Seu culto para cumprir finalidades políticas, dando estabilidade ao seu governo.

3. A ação divina contra o pecado, um deles a idolatria, geralmente acontece por um viés duplo e por vezes aparentemente contraditório. Como isso acontece, exemplificado na ação de Elias e Eliseu?

Resposta: Contra o pecado do homem, Deus traz uma palavra de julgamento – a acusação acompanhada da condenação e derramamento da ira – seguida de uma palavra de graça para quem buscar o arrependimento. Neste sentido, Elias fala com violência contra o pecado do Baalismo, enquanto Eliseu traz um relacionamento de tranquilidade, ensino e perdão aos reis de Israel. São, ao mesmo tempo, figura profética de João Batista (a palavra judiciosa) e Jesus Cristo (o perdão e graça derramada na cruz).

4. Quais as características do reino do Sul, Judá?

Resposta: Ao contrário do Norte, Judá se manteve estável politicamente, quase sempre sob a dinastia de Davi. Também foi fiel aos preceitos levíticos e ao culto centralizado em Jerusalém. Entretanto, viveu em profunda infidelidade religiosa, caindo em diversas ações idólatras como o Baalismo, por exemplo.

5. Durante um período nefasto da história de Israel e Judá, quando o Baalismo entrou com força nos seus territórios, os profetas Obadias e Joel trouxeram um novo conceito na revelação bíblica: o “Dia do Senhor”. Do que se trata este dia?

Resposta: O Dia do Senhor é um dia de julgamento em que Deus trará a condenação contra o pecado de todas as nações, no qual Ele derramará a ira contra o mal. Mas, paradoxalmente, para Joel este dia também será de infusão do Espírito sobre toda carne, numa esperança de restauração. É a dualidade julgamento-graça se fazendo presente outra vez.

6. Qual a principal mensagem do livro de Jonas?

Resposta: Deus envia o aviso contra o pecado prevendo severidade no trato com ele – os ninivitas serão destruídos por causa dos seus pecados. Entretanto, deixa sempre aberta a porta do arrependimento, com a possibilidade da conversão e derramamento do perdão.

7. Os dois últimos profetas do reino do Norte (Israel) foram Amós e Oseias. Amós trouxe avisos sérios contra a injustiça social que se instaurara entre os israelitas, e Oseias trata o povo pela primeira vez como a “esposa de Deus”, mas uma esposa adúltera e prostituta. Apesar da escandalosa pregação de ambos, não houve efeito de arrependimento. O que aconteceu com Israel depois deles?

Resposta: Veio o julgamento de Deus sobre Israel na forma da invasão por parte do império da Assíria. O reino foi destruído para sempre e o povo israelita foi deportado na sua grande maioria, ficando um restante que acabou misturado com outros povos trazidos pelo império. O resultado a longo prazo foi a formação naquele território do povo “samaritano”.

8. O reino de Israel já fora julgado, e a destruição também se dirigia para o sul (Judá), onde os mesmos males se multiplicavam. Nesse contexto, apareceram os profetas Miqueias e Isaías, ambos trazendo uma palavra de julgamento acompanhado de graça. Haveria um futuro promissor que surgiria a partir da dizimação do povo. Como se manifestaria esta esperança, especialmente em Isaías?

Resposta: Deus deixaria um resto miserável do qual nasceria um renovo, um “rebento”. Deste resto do povo, Deus faria nascer um menino, o Emanuel, nada mais do que o cumprimento da vinda do Rei Eterno profetizado a Davi. Por meio dele, o propósito de Deus atingiria toda a terra. Por isso, Isaías é chamado de “profeta messiânico”.

9. Isaías afirma que Deus julgaria seus servos inúteis (Judá e Israel) e levantaria um verdadeiro servo, o “Ebed Yhwh”. O que aconteceria com este misterioso personagem?

Resposta: O Ebed Yhwh é o “Servo Sofredor do Senhor”, alguém enviado para sofrer intensamente e ser desprezado pelos homens. A maldade de todos cairia sobre eles e então a salvação poderia ser oferecida gratuitamente.

10. Apesar das reformas religiosas do rei Josias, Judá permaneceu na apostasia. Que palavras trouxeram os profetas dos últimos anos do reino, Sofonias e Jeremias?

Resposta: Sofonias trouxe uma palavra de julgamento universal, no qual Deus deixaria um resto pobre que desfrutaria da promessa. Jeremias, por sua vez, avisou da derrocada certa e presenciou a destruição que veio depois. Mas com Jeremias a promessa se ampliou, quando Deus afirmou que os símbolos físicos da religião em Jerusalém teriam fim e o trono de Deus seria estabelecido sobre todos os povos. Deus promoveria uma Nova Aliança gravada não mais em pedra, mas nos corações dos homens. Trata-se de um derramamento de graça a longo prazo; mas àquela geração restava o julgamento pois não se arrependera.

11. O povo de Judá não se arrependeu, e o castigo veio na forma da invasão da Babilônia que destruiu Jerusalém em 586 a.C. Como o profeta Habacuque encarou o que acontecia, vendo-se perdido no meio de ciclo de punição da maldade que via diante dele?

Resposta: Habacuque percebeu que deveria viver pela fidelidade: mesmo que sofra a ruína, permanecerá fiel a Deus que lhe garante a redenção. Em Deus está a única esperança.

O Exílio Judaico: o Reino da Promessa

1. Quais foram as consequências diretas do exílio?

Resposta: O povo judeu foi preservado; o aramaico passou a ser usado como língua principal; os princípios monoteístas foram se fundamentando; surgiram as sinagogas para suprir a ausência do templo; os judeus deixaram de existir como Estado e se tornaram uma comunidade de fé.

2. Qual a principal pregação do profeta exilado na Babilônia, Ezequiel?

Resposta: Ezequiel revelou que Deus pode ser adorado em qualquer lugar, bem como trará julgamento a todos os povos da terra. Reafirma ainda a promessa dada a Abraão de que todas as famílias da terra seriam abençoadas, especialmente por meio de um bom pastor que Deus levantaria.

3. Daniel é o outro profeta do exílio. Como ele descreve a antítese entre os reinos deste mundo e o reino de Deus?

Resposta: Os reinos do mundo são uma estátua majestosa construída com a tecnologia humana, mas acabarão destruídos pelo rudimento de uma pedra. Da mesma forma, são monstros que emergem do mar da história e que serão abatidos pelo Filho do Homem. Assim, o Reino de Deus será a antítese dos reinos do homem: estes se baseiam no seu precioso trabalho e esforço, enquanto o reino dos céus é atividade e intervenção divina na temporalidade terrena.

O Resto de Judá: o Triunfo da Promessa

1. A repatriação dos judeus se deu quase 70 anos depois da primeira leva para a Babilônia. Quando retornaram, começaram a reconstruir o templo sob estímulo dos profetas Ageu e Zacarias. O que eles anunciaram?

Resposta: Ageu foi um profeta mais pragmático, que via na reconstrução do templo o lançamento das bases para o cumprimento da promessa de Deus. Já Zacarias era visionário, pois proclamou a vinda do “rebento”, o Messias que seria sacerdote e rei ao mesmo tempo, um rei meigo e pastor mártir.

2. Que papel tiveram Esdras e Neemias na reconstrução de Judá tanto como um retorno às escrituras quanto como unidade administrativa?

Resposta: Esdras trouxe uma reforma religiosa profunda, buscando levar a lei a ser praticada no cotidiano e não restrita apenas aos rituais. Já Neemias preocupou-se com o problema da desorganização civil do povo, trabalhando a reconstrução do muro e a reestruturação do governo (sob o domínio do império persa). Deus julgou o povo, mas proveu a restauração para que Suas promessas viessem a se cumprir.

3. O último profeta de Judá e do Antigo Testamento é Malaquias. Qual a essência da sua mensagem?

Resposta: Havia destemor de Deus, e o aviso do profeta é que a vinda do Messias seria marcada por severo julgamento. O Senhor que buscavam os consumiria, e era preciso haver um mensageiro que preparasse Seu caminho com arrependimento.



Bibliografia

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Deuses, Múmias e Ziggurats - Uma comparação das religiões antigas do Egito e Mesopotâmia.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo.* São Paulo: Editora Candeia, 2000. 7 volumes.

DAVIS, J. D. *Novo dicionário da Bíblia / Ampliada e Atualizada.* São Paulo: Hagnos, 2005.

ELLUL, Jacques. *Políticas de Deus e políticas dos homens.* São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

ELWELL, W. A. *Manual bíblico do estudante.* Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

GONZÁLEZ, Justo. *Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus.* São Paulo, SP: Hagnos, 2011.

GUSSO, Antônio Renato. *Panorama Histórico de Israel para Estudantes da Bíblia.* Curitiba: Santos Editora, 2003.

- HALLEY, H. H. *Manual bíblico*. São Luís: Evangélica, 1963.
- KAISER JR., Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- KOCHAV, S. *Israel*. In: *Grandes civilizações do passado*. Barcelona: Ediciones Folio, 2006.
- LAWRENCE, Paul. *Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- LASOR, William; HUBBARD, David; BUSH, Frederic. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- MILLER, Stephen e HUBER, Robert. *A Bíblia e sua história – o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- REINKE, André Daniel. *Atlas Bíblico Ilustrado*. São Paulo: Hagnos, 2006.
- REINKE, André Daniel. *Vamos construir o Tabernáculo?* São Paulo: Hagnos, 2008.
- REINKE, André Daniel. *Vamos construir o Templo de Salomão?* São Paulo: Hagnos, 2009.
- RICHARDSON, Don. *O Fator Melquisedeque – o testemunho de Deus nas culturas através do mundo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- TOGNINI, Enéas. *Geografia da Terra Santa e das terras bíblicas*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- TOGNINI, Enéas. *O Período Interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Hagnos, 2009.

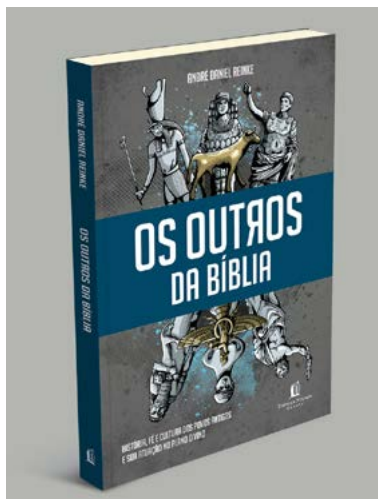


Faça também o curso:



Baixe gratuitamente clicando em
<https://andredanielreinke.com.br/novo-testamento-curso-intensivo/>

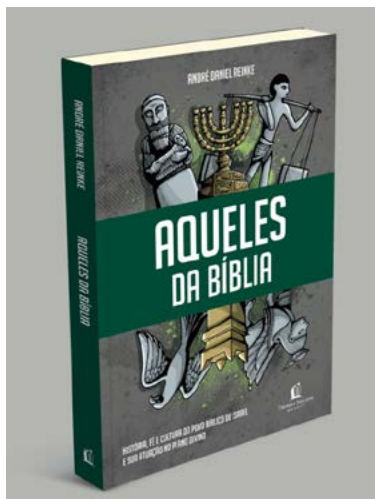
Conheça as publicações do autor deste curso:



Compre clicando em:

Físico: <https://amzn.to/3LF3A0j>

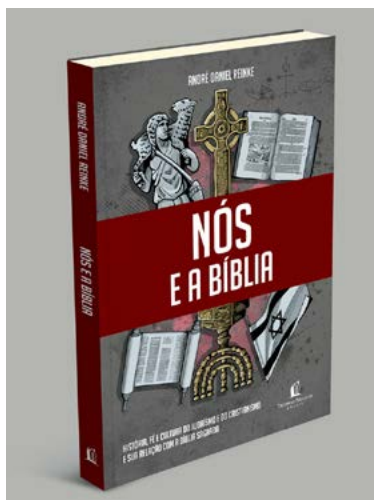
E-book: <https://amzn.to/3tceELY>



Compre clicando em:

Físico: <https://amzn.to/3PURr9N>

E-book: <https://amzn.to/3ta5jEv>

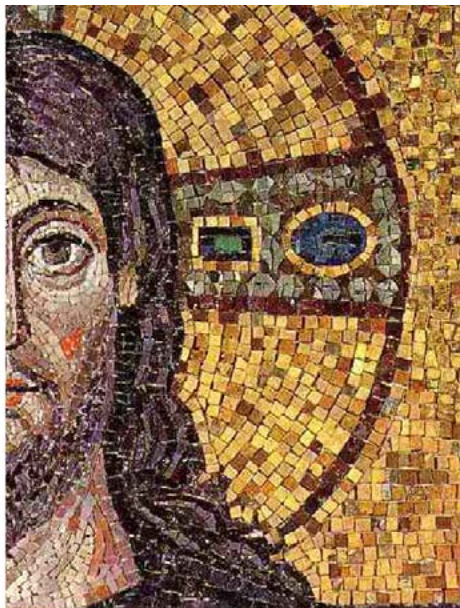
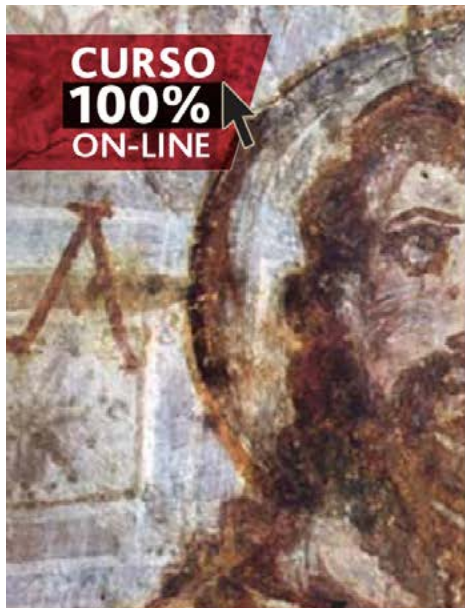


Compre clicando em:

Físico: <https://amzn.to/3PYbOep>

E-book: <https://amzn.to/45bF5ia>

CURSO
100%
ON-LINE



HISTÓRIA DA CULTURA CRISTÃ

história + teologia + arte

1 DO INÍCIO À VIRADA CONSTANTINIANA



ANDRÉ REINKE
@andredanielreinke



LUCAS GESTA
@professorlucasgesta

Saiba mais sobre esse maravilhoso curso clicando em
<https://andredanielreinke.com.br/curso-de-historia-da-cultura-crista-1/>

Saiba mais sobre o autor e suas publicações clicando em
<https://andredanielreinke.com.br/>